

TERRA, GENTE E TRADIÇÕES GAÚCHAS



WELCI NASCIMENTO

WELCI NASCIMENTO, professor, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, membro da Academia Passofundense de Letras é nascido na legendária Palmeira das Missões, mas, por opção, adotou Passo Fundo, como sua, porque nela vive e desempenha suas atividades, há muitos anos. Em Passo Fundo, exerceu os cargos de Secretário Municipal de Educação e Delegado de Educação junto a 7ª Delegacia. Tem sido um dos peões da cultura do nosso CTG.

TERRA, GENTE e TRADIÇÕES GAÚCHAS é fruto de uma bem elaborada pesquisa bibliográfica. Nesta obra, o autor consegue, com uma linguagem simples e objetiva, condensar a história e a cultura do Rio Grande do Sul e resgatara memória do Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda.

A obra poderá se constituir num valioso subsídio para os nossos centros de tradições e para a juventude tradicionalista, que desejam se familiarizar com a história e a cultura gaúcha.

Passo Fundo, março de 1992.

*Antônio Gasparetto
Patrão do CTG Lalau Miranda -*

Welci Nascimento

Terra, gente e tradições gaúchas



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2014

Welci Nascimento

Terra, gente e tradições gaúchas

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, tradicionalismo, -Passo Fundo: Pd Berthier, 1992. 92p.; il.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 31/03/2014

Capa e ilustrações de: Fotografia da escultura “o carreteiro” de Laudelino Ferrão, esculpida no interior do CTG Lalau Miranda

N244t Nascimento, Welci

Terra, gente e tradições gaúchas [recurso eletrônico]

/ Welci Nascimento. – Passo Fundo : Projeto

Passo Fundo, 2014.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-8326-077-6

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Rio Grande do Sul – História. 2. Cultura popular.
3. Folclore. I. Título.

CDU: 981.65

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

APRESENTAÇÃO

"O Gaúcho nunca chega numa casa pelos fundos, chega pelo parapeito, à frente da casa e permanece a cavalo, a espera que o mandem entrar.

Se não houver ninguém por ali, à vista, chama pelos moradores, em voz alta, com o tradicional "Ooô de casa!" - O dono ou alguém da casa sai à porta e responde invariavelmente:

- Boleie a perna e chegue.

Só então, o visitante desmonta e se aproxima, começando a conversa pelo, "como vai a família..." (J.A. Pio de Almeida)

Como gaúcho, peço licença para bolear a perna e contar alguma coisa do nosso Rio Grande do Sul, sua terra, sua gente, cultura e tradições.

Peço licença para bolear a perna e contar a caminhada de 40 anos de um dos mais tradicionais CTGs do Rio Grande do Sul: O CTG LALAU MIRANDA de Passo Fundo, precursor do tradicionalismo no Planalto Gaúcho e amadrinhador de muitos centros de tradições gaúchas, nos anos cinquenta e sessenta.

Ao CTG LALAU MIRANDA, fonte geradora de outros centros, nossos parabéns.

Dedico este trabalho a minha família.

Ao CTG Lalau Miranda.

Aos peões e às prendas dos CTGs de Passo Fundo e do Rio Grande do Sul que, por amor, cultuam as tradições gaúchas.

Passo Fundo, março de 1992

Welci Nascimento

PREFÁCIO

Welci Nascimento, como professor tradicionalista, consegue explicar, com clareza a história gaúcha. Vai dizendo, num agradável estilo, as coisas do Sul. Nada lhe escapa. A saga gaúcha mais uma vez é contada. Mas, de tão bem contada que é, não cansa. É como uma história de galpão sem os enfeites da fantasia. É a história, posta a público, numa versão muito própria.

Traz Welci os dizeres do povo e uma fidedigna bibliografia. Com seu curtido saber e apoiado por incontáveis fontes, vai escrevendo sobre a vida que foi sendo construída no pampa. E consegue o autor mostrar desta vida gaúcha a sua alma inquieta. Pode-se ler o destemor colhido:

"Eu já morri uma vez

Achei a morte tão doce

Que quisera morrer sempre

Se a morte assim sempre fosse".

Pode-se ver nas linhas vivas, levantar-se toda a gente: o índio, o português, o espanhol, o imigrante de todas as raças, o negro e todos os feitos que tantos foram, e bem postos.

É uma leitura que inicia escrito bem, a todos aqueles que queiram guardar na memória, e motivar o coração com as raízes de nosso povo.

Neste trabalho, Welci consegue reunir o coração e a inteligência tomando-se o conhecimento que provém das palavras envolto num carinho por seu chão. Não é esquecida, nem ao menos, a história dos gaúchos que se foram para povoar outras estâncias fora do Rio Grande. Nada se perde, tudo se ganha. Ao final do primeiro texto, dá uma vontade louca de subir numa coxilha e gritar para todas as direções que esta terra foi conquistada com sangue e as casas foram feitas com amor... E Welci tem o dom, de entremeio, de seu dizer por uma gente que canta, anda, dança e não descansa em nenhum caminho.

Mas o autor não se contenta em apenas narrar a história gaúcha. Busca mostrar vivamente, numa pesquisa original, a criação de uma

particular e conhecida instituição de pagos: O Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda. É aí que o autor mostra os esforços denodados para o erguimento de uma casa guardadora e divulgadora das tradições. Todas as pessoas que deram a sua decisão e participação estão aí reconhecidas. E em tão interessantes páginas que se pode ver o gaúcho de Passo Fundo falando, no seu jeito de "biriva", ainda tendo o sotaque de tropeiro. Traz o autor um programa inteiro tal qual fora levado aos ares do Planalto, pela Rádio Passo Fundo, dia 5 de outubro de 1952. E nele é que se lê:

*** As minhas noites de guasca bruto,
Muito mais largas do que as minhas penas
Noites amargas
Quando serenas
Não tão largas,
Quando te escuto '**

Estas e outras notícias vai desfiando o autor, uma a uma, como quem não tivesse outra coisa a fazer que, tão somente amar este chão. E faz muito bem.

Passo Fundo, 1992

Agostinho Both

Membro da Academia Passo-Fundense de Letras

Sumário

APRESENTAÇÃO	7
PREFÁCIO	8
I - O RIO GRANDE DO SUL	13
ANTECEDENTES HISTÓRICOS:	13
OS DONOS DA TERRA	15
OS DESBRAVADORES	16
Os açorianos	18
Os tropeiros	18
Os carreteiros:	20
Os imigrantes:	21
GUERRAS E REVOLUÇÕES	22
As guerras guaraníticas	24
A Revolução Farroupilha	25
A Revolução de 1893	26
Os maragatas	28
O GAÚCHO	30
A valentia do gaúcho	33
Morre o gaúcho?	35
O gaúcho deixa o pago	36
O REGIONALISMO LITERÁRIO	37
DO REGIONALISMO AO TRADICIONALISMO	39
O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO	40
OS CENTROS DE TRADIÇÕES GAÚCHAS	40
A CULTURA GAÚCHA	42
O galpão:	42
A erva mate e o chimarrão	43
A carreta	45
A indumentária	46
SENTIMENTO DE INTEGRAÇÃO	49
II - CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS	50
LALAU MIRANDAPASSO FUNDO – RS	50
ANTECEDENTES HISTÓRICOS:	51
A FUNDAÇÃO DO CTG LALAU MIRANDA	53
SÓCIOS FUNDADORES DO CTG LALAU MIRANDA DE	
PASSO FUNDO	56
A PRIMEIRA SEMANA FARROUPILHAIM PASSO FUNDO	59

CONGRESSO DE PELOTAS	62
ESTANISLAU DE BARROS MIRANDA ÉHOMENAGEADO	63
SEGUNDA PATRONAGEM DO CTG LALAU MIRANDA.....	63
A HÍPICA DO CTG LALAU MIRANDA	64
A PRIMEIRA EXCURSÃO DO CTG	66
FESTA GAÚCHA PARA OS CARIOCAS.....	66
FOMOS UMA ESPÉCIE DE EMBAIXADORES.....	69
PROGRAMA DO CTG L.MIRANDA NA RÁDIO PASSO FUNDO	
.....	73
PREOCUPAÇÃO NA APRESENTAÇÃO DAS DANÇAS	75
O LALAU MIRANDA E OS EVENTOSTRADICIONALISTAS....	79
CTG LALAU MIRANDA NA XII EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA	
DE DOURADOS	81
XXII CONGRESSO TRADICIONALISTA GAÚCHO	83
RODEIO INTERNACIONAL DE PASSO FUNDO.....	86
ERA PRECISO UM NOVO GALPÃO	86
O CAVALEIRO DO BUTIÁ	88
PATRÕES DO CTG LALAU MIRANDA	90
FONTES CONSULTADAS	108
Índice de ilustrações.....	111

I - O RIO GRANDE DO SUL

ANTECEDENTES HISTÓRICOS:

A passagem do século XIV para o século XV é assinalada por uma inquietação na Europa no sentido da emancipação do comércio.

Portugal funda uma escola, onde aperfeiçoa técnicas de navegação para as expedições marítimas. Essas expedições foram preparadas de 1419 a 1498, deixando a Europa em busca das Índias, contornando o Continente Africano. É assim que os portugueses, durante todo o decorrer do século XV, percorremos mares e chegam à terra ambicionada, em 1498.

Enquanto Portugal, com os olhos nas Índias, persistia no seu afã de atingi-la por mar, Espanha, depois de conseguir expulsar os invasores do seu território, assegura a Cristóvão Colombo o auxílio para a expedição que iria, rumando para o ocidente, chegar na América, o Novo Mundo, em 1492.

Mais tarde, Portugal, com sua esquadra, desembarca no Brasil.

Estava estabelecido o conflito entre as duas grandes potências europeias, pelo domínio das terras.

De imediato, Portugal alegou que recebera a Bula Pontifícia de 8 de janeiro de 1494 que lhe concedera o direito de conquistar todas as regiões habitadas por fiéis. O conflito eminente foi evitado através dos delegados de Portugal e Espanha, assinando em Tordesilhas a convenção segundo a qual alinha divisória dos dois domínios, riscada de polo a polo, passaria a 370 léguas Oeste do arquipélago de Cabo Verde. Essa Convenção, chamada de Tratado das Tordesilhas, é o primeiro capítulo da história diplomática da América.

Afastada a hipótese de uma guerra imediata e delimitado o raio de ação de cada um, Portugal e Espanha rumaram para o Novo Mundo. Ia

começar a conquista da terra americana, cujo último capítulo teria como palco as coxilhas gaúchas, junto ao rio Uruguai.

Pelo Tratado das Tordesilhas, assinado em 1494, a América do Sul ficou dividida em duas partes, por uma linha traçada de Norte a Sul que, passando por Belém, no estado do Pará, cairia no Oceano Atlântico, abaixo de Laguna, em Santa Catarina.

Assim, quase todo o Estado de Santa Catarina, todo o Rio Grande do Sul e a República Oriental do Uruguai, teriam de obedecer ao rei da Espanha. Mais tarde, porém, graças à audácia dos bandeirantes, foi dilatado o domínio de Portugal, e o Rio Grande do Sul passou ao domínio português, com a mudança da linha de Tordesilhas.

Em 1715, o Capitão-Mor Francisco de Brito Peixoto, filho de paulista que fundara Laguna, à frente de uma pequena expedição de reconhecimento, deixa essa povoação e penetra as terras do Sul. A essa, sucederam-se outras expedições, como a comandada por Cristóvão Pereira, porque as vacarias meridionais, com seus rebanhos alçados, com abundância de gado cavalari e muar que nela se multiplicara, estavam à livre disposição dos campeadores, como um largo convite à sua ação predatória.

Só em 1737 é que tem lugar a primeira fundação oficial na terra charrua, quando José da Silva Paes penetrou na Barra do Rio Grande e aí estabeleceu o Presídio Militar Jesus Maria e José, garantindo o comércio do gado e contrabando do Prata.

Quando começaram a explorar o território que hoje é o Rio Grande do Sul, o Brasil já contava com mais de duzentos anos. A Província ingressa tardiamente no restante do Brasil colonial, pelo motivo de que aqui a agricultura colonial de exploração não se desenvolveu. Portugal desejava explorar de sua colônia, minerais, ou então produtos agrícolas bastante valorizados no mercado internacional, como a cana-de-açúcar.

Como se percebe, o Rio Grande do Sul não se enquadrava nos interesses econômicos de acumulação de capital da Metrópole. Daí, a sua tardia integração ao sistema colonial.

A expulsão dos portugueses da Colônia do Sacramento, logo depois da sua fundação, foi o primeiro choque armado entre Portugal e Espanha, na terra da América do Sul. Foi, também, o início de um período

de guerras incruentas entre os dois conquistadores e seus descendentes, os brasileiros e platinos. O teatro dessas guerras foi sempre a terra rio-grandense do sul e a fixação da linha divisória dos dois domínios das duas coroas, a causa.

OS DONOS DA TERRA

Por volta de 1750, os espanhóis e os portugueses fizeram as pazes e firmaram um acordo que eles chamaram de Tratado de Madrid. Por esse acordo, os conquistadores resolveram invadir as terras dos índios que moravam no território.

Na parte Norte do território rio-grandense moravam os índios descendentes dos Gês que entraram aqui por volta do século VIII, ocupando as matas do rio Uruguai. Estes índios foram denominados Kaingangs, que hoje ocupam as terras nos toldos de Guarita, Cacique Doble, Nonoai, Água Santa.

Os índios Guaranis, que foram os primeiros agricultores do Rio Grande do Sul, chegaram aqui em duas levadas. Segundo estudos sobre a matéria, a primeira leva chegou entre os anos 300 e 400 e a segunda de 1000 a 1100. Os guaranis eram índios que constantemente estavam a procura de terras. Pertenciam a este grupo os Tapes, índios das Missões; os Arachames, da Lagoa dos Patos; os Carijós, que habitavam no litoral. Os Tapes foram os elementos básicos na formação dos Sete Povos. Após a expulsão dos padres jesuítas, em 1768, do território rio-grandense, as terras dos índios foram tomadas, seu gado roubado e sua população dizimada. Essa tragédia aconteceu, face ao Tratado de Madrid, em 1750 entre portugueses e espanhóis.

Os índios tinham mais de um milhão de rezes e algumas reduções chegaram a contar com mais de vinte mil habitantes. Nessas comunidades, a produção pertencia a todos e era distribuída conforme as necessidades de cada um. Todos deviam trabalhar na produção. As mulheres cuidavam das casas e também fiavam e teciam o algodão e a lã, produzindo tecidos para vestir a população. A produção que não era necessária para o povo da redução era vendida fora, por dinheiro, para

pagar os impostos devidos ao rei, ou para comprar as coisas que a redução não podia produzir sozinha.

Os índios guaranis conseguiram organizar sua vida de uma forma tão extraordinária, que enchia de admiração todas as pessoas de boa vontade que os visitavam.

Quem não gostava do que estava acontecendo eram os colonizadores, portugueses e espanhóis. Por isso, invadiram e tocaram os donos da terra. Os bravos índios tentaram reagir contra a invasão de suas terras. Em luta desesperada, eles organizaram sua defesa, guiados pelo valente índio Sepé Tiarajú. Em 1756, nos campos de São Gabriel, Sepé é atingido e morto. Poucos dias depois, os invasores dominam tudo, matando mais de 1500 índios. Era o fim dos Sete Povos das Missões.

OS DESBRAVADORES

Uma das mais antigas descrições do território do Rio Grande do Sul foi elaborada pelo Pe. Roque Gonzales, ao voltar de uma longa excursão pelo Sul do território da América Latina, um ano antes do seu martírio, em 1627.

Dizia ele: - "Todo o Uruguai é habitado por 20.000 índios que cultivam a terra... "Naquele tempo, assevera Pe. Roque, "os portugueses, deixando os navios fora da barra, subiam pelo rio Jacuí para comerciarem com os índios guaranis. Os primeiros colonizadores do Rio Grande do Sul, segundo a história, se estabeleceram no território que hoje é chamado de Viamão, isto é, no litoral. Eles se estabeleceram nesse território certamente porque seguia este rumo a direção que vinham os primitivos habitantes, desde São Paulo e outros pontos do Brasil.

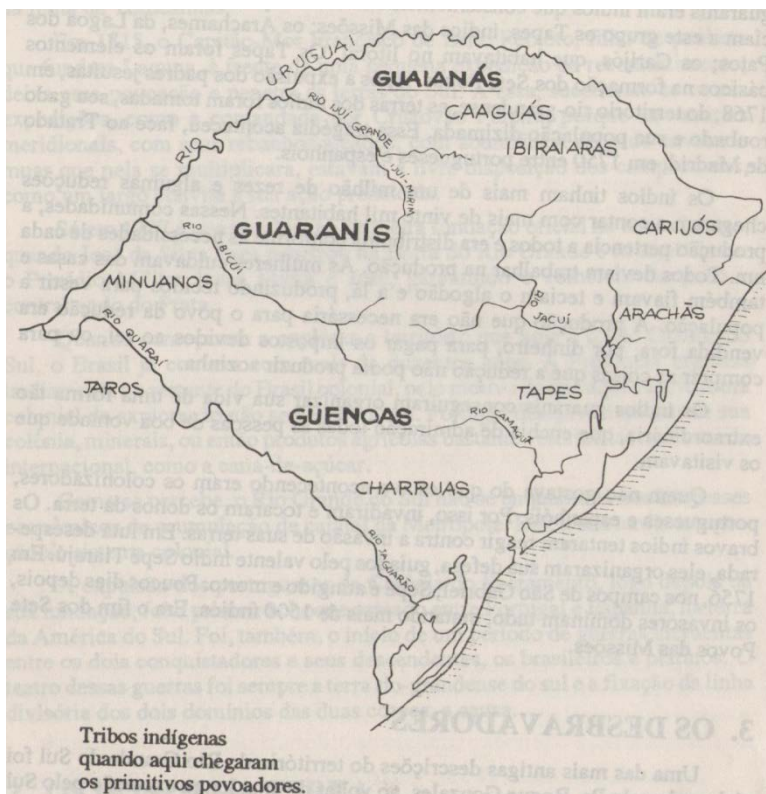


Figura 1

Fonte: "Mão Gaúcha"

Fundação Gaúcha do Trabalho - RS _ 1978

Os paulistas, por exemplo, tinham uma estrada que, partindo de Sorocaba, pela costa, ia dar primeiro em Viamão, depois em Santo Antônio da Patrulha, passando pelos campos de Vacaria. Outros pontos do nordeste do nosso Estado, devido às suas florestas seculares e imensas, quase intransponíveis, cheias de feras e índios bravios, não davam passagem.

Os açorianos

Os açorianos se estabeleceram às margens do São Gonçalo, ligando-se ao Posto Militar de Rio Grande. Eles vieram na metade do século XVIII para povoar a região das Missões, espalharam-se irregularmente, receberam terras, quase 20 anos depois, para se dedicarem à agricultura de subsistência da colônia. Os núcleos dos açorianos apareceram nos municípios de São José do Norte, Santo Antônio da Patrulha, Mostardas, Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo. Eles ainda estiveram em Cachoeira, Caçapava, onde também desempenharam importante papel. Com este formidável contingente de açorianos que entrou para a etnia rio-grandense, é perfeitamente compreensível a influência que a vida dos Açores teve na formação do Rio Grande do Sul. A população açoriana fora trazida em forma de casais. Alguns já vieram de Santa Catarina ou outros lugares, mas a grande massa procede do arquipélago português. Todos os historiadores catarinenses e gaúchos não deixam de fazer, sempre que há razão, uma referência aos açorianos.

Os tropeiros

Aurélio Porto no livro *Histórias das Missões Jesuíticas*, relata: "A geografia jesuítica de gado, atraindo os lagunenses, criou o tropeiro, que marca com seus currais primitivos na terra do Rio Grande do Sul, as primitivas estâncias, em torno das quais o gaudério, gaúcho primitivo dos campos, iria emergindo".

O tropeiro foi um pioneiro desbravador do Rio Grande do Sul, principalmente das zonas desérticas, conduzindo tropas de gado bovino e de mulas. Na abertura dos caminhos de Rio Grande, foi, sem dúvida, a função dos tropeiros uma das mais árduas.

A abertura do caminho do Sul, com a viagem de Cristóvão Pereira de Abreu, o gado das planícies platinas, tanto as que se criavam à solta, como as de estâncias, passaram a ser altamente desejadas. Eles caçavam gado xucro, passando pelos índios missioneiros, que iniciaram a criação sedentária e culminando com os estancieiros que aqui se fixaram durante e após as conquistas sangrentas de nossas fronteiras.

Os compradores de gado entravam pela República Oriental do Uruguai, chegavam na Argentina, Rio Grande do Sul e seguiam caminho para o grande centro distribuidor: Sorocaba, no Estado de São Paulo.

O caminho do Sul se iniciaria por Viamão, Cruz Alta, Passo Fundo, Vacaria, penetrando nos estados de Santa Catarina, Paraná, até atingir o Estado de São Paulo, onde se irradiava o comércio para as demais províncias do Brasil.

Os tropeiros viajavam entre 7 e 9 meses, lentamente, parando nos pastoso mais possível, para trazerem os animais descansados e gordos. A utilização da mula como principal meio de transporte do tropeiro se deve ao fato de ser um animal mais resistente que o cavalo.

A fase do tropeirismo foi muito importante para o Rio Grande do Sul e para o Brasil. Os tropeiros disseminaram a cultura por todo o Rio Grande, nas suas bruacas, nos lombos despidos das mulas indomadas ou nas algibeiras dos madrinheiros.

Dos peões e capatazes vinham os costumes de muitas civilizações esparsas pelo imenso Brasil despovoado. E, aos poucos, foram ensinando o que sabiam e aprendendo outros costumes, que levavam mais além, inconscientemente. Era uma cantiga rio-grandense do sul que ensinava os paulistas, eram os versos e músicas cantadas ou recitadas nos pousos, aqui e ali. Desde a primeira tropa de Cristóvão Pereira de Abreu, até a última, os tropeiros espalharam a cultura por todo o território nacional, varando meses, montados no lombo dos animais, muares ou cavalares, desde as invernações do Rio Grande do Sul, onde se criavam, até os campos da Província de São Paulo.

As grandes criações se localizavam nas largas planícies do Rio Grande do Sul. Aí, os estancieiros compravam as tropas e transferiam para as regiões serranas, onde os animais passavam por um período de adaptação, antes de serem tocados pelos tropeiros, para outros estados. Essa região é hoje os municípios de Passo Fundo, Palmeira das Missões, Cruz Alta, Santo Angelo. Para essa tarefa, era preciso um grande número de cavaleiros, verdadeiros mestres de montaria, em bons animais.

Os carreteiros:

Os carreteiros podem ser considerados os construtores do Rio Grande do Sul. Com suas carretas, abriram estradas, ajudaram a demarcar fronteiras, estabeleceram os alicerces de muitas cidades, abasteceram povoados e serviram de trem de guerra nas revoluções.

As trocas de mantimentos nos centros mais adiantados eram transportadas pelas carretas conduzidas por cinco e seis juntas de bois. O carreteiro, homem de muita paciência, como o tropeiro, levava muitos meses para realizar UMA VIAGEM COMPLETA. DA REGIÃO DE PASSO FUNDO, ERA COSTUME LEVAR ERVA MATE PARA A REGIÃO DE RIO PARDO. OS CARRETEIROS FAZIAM PERCURSO POR CARAZINHO, SOLEDADE. A ERVA-MATE ERA TRANSPORTADA EM BARRICAS DE MADEIRA E CESTOS DE TAQUARA. DE LÁ, ELES TRAZIAM OUTROS PRODUTOS COMO FARINHA DE TRIGO DA ARGENTINA, SAL, ENTRE OUTRAS COISAS, PARA VESTIR A FAMÍLIA.

MANOELITO DE ORNELLAS, DESCREVENDO SOBRE OS CARRETEIROS E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL, DIZ: - “ELES TRANSPORTAVAM COURO, ERVA-MATE, FORMANDO EXTENSAS CARAVANAS, EM DEMANDA DAS PRAÇAS DO LONGÍNQUO COMÉRCIO DOS PORTOS DO MAR...”.

O NATURALISTA FRANCÊS AUGUSTE SAINT-HILAIRE QUE VIAJOU PELO RIO GRANDE DO SUL DE 1820 A 1821, UTILIZOU-SE DOS CARRETEIROS PARA LEVAR SEUS PERTENCES E HERBÁRIOS E NA REVOLUÇÃO DE 1835 A 1842 AS CARRETAS SERVIRAM PARA AUXILIAR EM GRANDES COMBATES.

Os membros das famílias alemãs e italianas, todos, sem exceção, desde o maior até o menor, lançam-se ao duro serviço de colonizar os vales dos Sinos e a serra das Antas. Eles procuraram entre nós a região das florestas e abandonaram o campo. Por sua vez, a magnífica bacia do rio Jacuí facilitava o transporte dos produtos coloniais para os centros comerciais. Com a organização dos primeiros núcleos de colonos alemães, retomava-se a histórica linha de desenvolvimento agrícola, iniciada na província pelos casais de açorianos.

Os imigrantes aumentaram as áreas de agricultura e se dedicaram ao artesanato e à indústria. Os alemães, que a princípio se estabeleceram em São Leopoldo, foram se espalhando pelos vales dos rios Sinos, Caí, Taquari, Jacuí e Pardo.

Em 1870, o Presidente da Província de São Pedro criava as colônias localizadas entre o rio Caí e os campos de Vacaria. As famílias italianas ficaram situadas, estrategicamente, entre a região dos campos de Cima da Serra e a Depressão Central. Em 1875 iniciava-se o povoamento da Colônia Caxias. Até 1889 novas colônias foram criadas, como Antônio Prado. O lote era vendido a crédito e, no princípio, as famílias recebiam subsídios para a alimentação, o que mais tarde foi cancelado.

Não foram fáceis os primeiros anos. Entre as dificuldades encontradas pelos imigrantes, a começar pelas novas condições geográficas e climáticas, havia a demora na demarcação dos lotes e empecilhos constitucionais para o cumprimento da naturalização e da liberdade de culto, principalmente em relação aos imigrantes alemães.

GUERRAS E REVOLUÇÕES

Diz a história, que todas as guerras e revoluções que envolveram o Rio Grande do Sul, até o fim do século XIX, inclusive as chamadas guerras cisplatinas, tiveram suas origens naquele feito ousado das autoridades coloniais, mandando fundar, em 1680, a denominada Colônia do Sacramento, que procurava fixar, de vez, as demarcações meridionais do Brasil.

Como um marco de exploração e de expansão portuguesa, rumo

ao rio da Prata, seria não só o estímulo da conquista e do povoamento do Rio Grande, como também uma série de ininterruptas lutas armadas nas fronteiras deste Estado. As rivalidades decorrentes da Colônia do Sacramento foram causas de guerras contra Rosas na Argentina, em 1851 e da guerra contra Solano Lopes, do Paraguai de 1864 a 1870. De lá para cá, até 1930, o gaúcho sempre esteve em pé de guerra, externa e internamente. É costume se dizer que "fomos um povo acampado, a espera do toque de recolher".

Rubens de Barcelos, escritor rio-grandense, descreveu o espírito de beligerância do povo gaúcho: "Combinais a lenda guerreira com os hábitos pastoris e tereis traçado a psicologia social do povo rio-grandense que vista de longe e observada a frio parece romântica, no sentido literário do termo. Da existência cruenta do gaúcho mergulhado no seu mundo simbólico, reponta oculto da valentia, que é o instinto de defesa tomado inconsciente e exagerado pela dupla seleção das heranças de sangue e da moral ambiente".

Os curtos períodos pacíficos vividos nas fronteiras do Rio Grande do Sul não passaram de simples armistícios entre guerras externas e lutas internas, apaixonadas e sangrentas. Essas lutas entre as nações fronteiriças e o Rio Grande do Sul, somente viriam cessar, definitivamente, depois da revolução federalista de 1893 a 1895, com a consolidação da República no Brasil. Senão vejamos:

Em 1822 o Brasil conquista a sua independência e acontecem sucessivas lutas armadas, tendo por cenário o Rio Grande do Sul.

Em 1825 o nosso território é invadido e a Argentina declara guerra ao Brasil.

Em 1827 os Brasileiros enfrentam uruguaios e argentinos numa luta feroz.

No ano de 1835 acontece a Revolução Farroupilha, liderada por Bento Gonçalves da Silva, contra os desmandos do poder central.

A guerra do prata acontece em 1851, onde os brasileiros e argentinos, juntos, derrubam o governo de Oribe, do Uruguai.

Em 1865 forma-se a Tríplice Aliança entre Brasil, Argentina e Uruguai, contra Francisco Solano Lopes, do Paraguai. Esta guerra se prolonga até 1870.

Todas essas guerras, por serem de fronteira com o extremo sul do Brasil, o Rio Grande, com a sua gente, sempre tomou parte ativa.

A Revolução Federalista eclode em 1893, com lutas internas sangrentas em todo o Estado do Rio Grande do Sul.

Cessada a Revolução Federalista que consolidou a República Brasileira, eclode em 1923, no Rio Grande do Sul, uma revolta contra o governo de Borges de Medeiros e, em 1930 acontece a revolução, liderada pelo gaúcho Getúlio Vargas, que veio a ser Presidente do Brasil, abrindo caminho para a lenta ascensão da classe média e descortinando novas oportunidades para a indústria, o comércio e as profissões liberais.

Em 1932 os paulistas se revoltam e eclode a Revolução Constitucionalista, levando os gaúchos, novamente, ao campo de batalha.

As guerras guaraníticas

Segundo um tratado firmado entre as duas grandes potências, Portugal e Espanha, toda a população das antigas reduções fundadas pelos padres jesuítas no território do Rio Grande do Sul, provindos do Paraguai, os denominados Sete Povos das Missões, deveriam ser evacuados, com todos os seus pertences, para além do rio Uruguai, em troca da Colônia de Sacramento.

Isto provocou as denominadas guerras guaraníticas, ou guerra das reduções de 1754 a 1756. Os demarcadores portugueses e espanhóis dominaram as milícias valentes na batalha decisiva de Caiboaté, em 1º de fevereiro de 1756, perto da atual cidade de São Gabriel, onde morreu o líder indígena Sepé Tiarajú.

Como consequência desta guerra que as forças de Portugal e Espanha sustentaram contra os missioneiros e índios, até vencê-los, houve o deslocamento de açorianos e povoadores de São Paulo para as margens do rio Jacuí, até as proximidades do Rio Pardo, que se constituiu um ponto fortificado avançado das terras portuguesas, no interior do Rio Grande do Sul.

No Rio Grande do Sul, os índios guaranis conviviam pacificamente. Durante 150 anos essas tribos viveram dias felizes,

cultivando a terra, aprendendo um artesanato e se dedicando à pesca e à caça. Essa felicidade haveria, em breve, de acabar, pela vontade e imposição do homem branco que aqui chegou e achou de violentar todas as estruturas sociais existentes.

A Revolução Farroupilha

Walter Spalding, historiador, disse que "o movimento revolucionário de 20 de Setembro de 1835 tinha por fim, apesar das ameaças, reivindicar os direitos do Rio Grande do Sul, expulsar o presidente Braga e o comandante geral das armas, marechal Barreto Pereira Pinto. Conseguindo isto e, donos de todo o Rio Grande, os farroupilhas, chefes da revolução, deram o movimento por concluído e a Província pacificada, conforme comprova grande número de documentos".

Não entendeu, assim, o governo do Rio de Janeiro, que procurou não só sustentar o presidente, como reconquistar Porto Alegre e expulsar do Rio Grande do Sul os chefes farroupilhas.

Lutas sem conta travaram-se, então, até o ano de 1845.

Entre as causas da Revolução Farroupilha podem ser citadas: o espírito nacionalista; a rivalidade entre os conservadores ("caramurus") e liberais("farroupilhas"); as infundáveis guerras sustentadas pelos gaúchos para guardar as fronteiras do Brasil; o fato de nunca os rio-grandenses terem recebido indenização pelos danos das guerras que travaram em seu território; o desagravo por pesados impostos que oneravam a economia da Província, favorecendo a indústria de charque e a pecuária dos concorrentes platinos e a prepotência com que o Presidente Fernandes Braga governava o Rio Grande do Sul, entre outras.

Porto Alegre, Rio Grande e São José do Norte mantiveram-se fiéis ao Império e tiveram a seu favor o domínio marítimo e militar da Lagoa dos Patos e da barra oceânica do Rio Grande.

Encravada dentro da Província do Rio Grande do Sul, a República limitou-se territorialmente a uma espécie de triângulo geográfico na Serra do Sudeste, com capital em Piratini, depois em Caçapava e Alegrete.

A ideia e a memória dos farroupilhas, mais tarde, passou a ser

cultuada como um dos meios de propagação da ideologia republicana. Pontificavam essa ideia, no final do segundo reinado, jovens estudantes com notável combatividade, tais como Julio de Castilhos e Assis Brasil.

E a alma popular, de boca em boca repetia:

"O herói Bento Gonçalves

Foi a nossa salvação.*

A Revolução de 1893

Esta revolução, também chamada de Revolução Federalista, foi um luta armada entre os partidários e adversários da autonomia estadual. A luta eclodiu por motivos exclusivamente políticos, sem que houvesse razões de ordem econômica.

O Partido Federalista do Rio Grande do Sul, fundado em 1892 pelo líder Gaspar Silveira Martins, defendia a revisão da Constituição Estadual, no sentido de fortalecer a União Federal. Era um partido que propugnava pelo parlamentarismo.

No campo oposto, estava o Partido Republicano, sob a liderança de Júlio de Castilhos, chefe do Partido, defensor ardoroso do regime presidencialista e guardião da autonomia estadual.



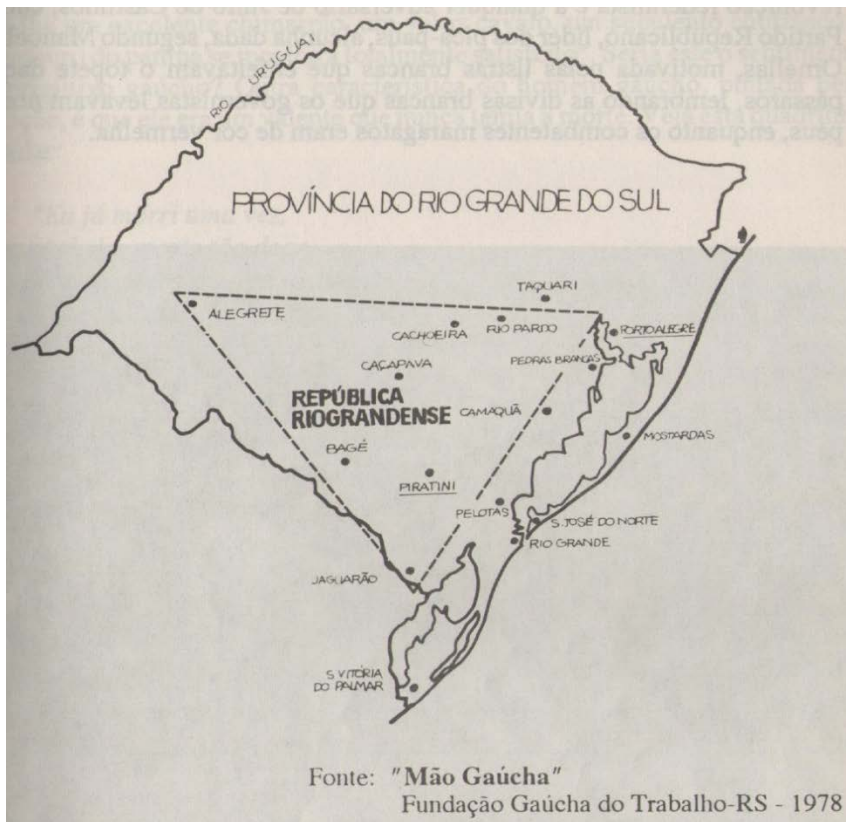
Figura 3 Cessadas as lutas, a valentia do gaúcho virou tradição.

A luta durou 31 meses e fez mais de dez mil vítimas. Foi uma revolução sem regras, diz a história, ferindo os mais nobres sentimentos da humanidade.

A batalha que se travou a 27 de junho de 1894, nas proximidades de Passo Fundo, entre os líderes Gumercindo Saraiva e Prestes Guimarães de um lado e, do outro, as forças de Pinheiro Machado, foi das mais sangrentas de toda a revolução. As baixas, entre mortos e feridos, de ambos os lados, foram superiores a 500. Entre os feridos, Aparício Saraiva e, do lado do governo, Firmino de Paula, comandante da parte norte do estado.

Foi por causa da divisão política do Rio Grande do Sul, em duas facções beligerantes, que se instaurou entre nós um sistema bipartidário. De um lado, as ideias parlamentaristas de Gaspar Silveira Martins, do outro, o presidencialismo de Júlio de Castilhos. Essa situação perdurou e norteou por mais de trinta anos a vida partidária gaúcha, através do Partido Republicano Rio-grandense e do Partido Federalista e seu sucessor, o Partido Libertador, quadro que somente se alterou e desapareceu com o surgimento da chamada Frente Única, afinal absorvida

pela Aliança Liberal e a Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas à Presidência da República.



Os maragatas

Esta denominação era dada ao revolucionário ou partidário da revolução de 1893, adeptos do credo político pregado pelo líder Gaspar Silveira Martins e, mais tarde, por Assis Brasil, líder parlamentarista.

O político passofundense, Arthur Ferreira Filho no seu livro "Revoluções e Caudilhos", ao se referir à chegada de Aparício Saraiva, líder federalista, acrescenta que "com ele vinha um grupo de maragatos da República Oriental do Uruguai...", nome por que eram conhecidos os imigrantes de certa região da Espanha e que, pelo prestígio do chefe, se estendeu a todos os rebeldes da revolução federalista e a qualquer adversário de Júlio de Castilhos, chefe do Partido Republicano, líder dos pica-paus, alcunha dada, segundo Manoelito de Ornellas, motivada pelas listras brancas que enfeitavam o topete daqueles pássaros, lembrando as divisas brancas que os governistas levavam nos chapéus, enquanto os combatentes maragatos eram de cor vermelha.

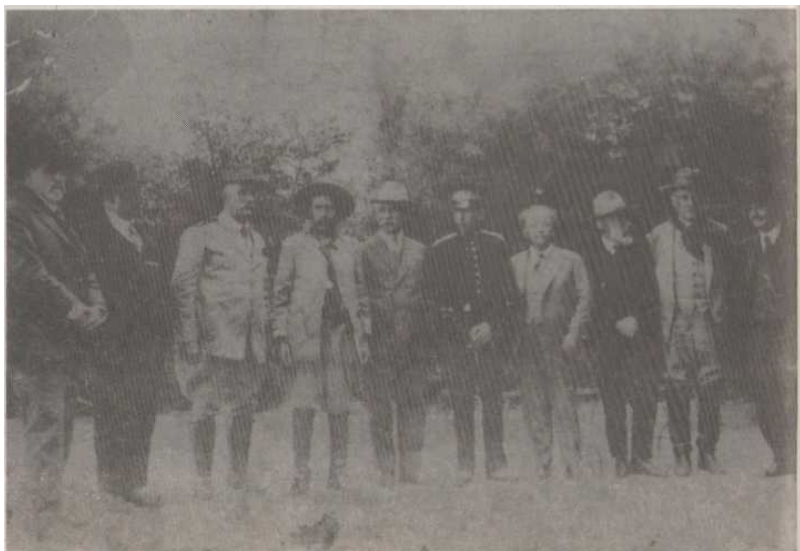


Figura 4 O Comando Maragato no Rio Grande do Sul na Revolução de 1923. Na foto, entre outros: Assis Brasil, no centro e os comandantes: Zeca Netto, Leonel Rocha, Felipe Portinho.

O GAÚCHO

No tempo em que o Rio Grande do Sul não tinha solução de continuidade, em que as estâncias estavam em comum, existia um personagem no cenário aberto das enormes coxilhas, que se estendiam a perder de vista: O Gaúcho.

Suas lides eram no lombo do cavalo e todas as suas atividades derivavam da sua obrigatória condição de pastor e ginete. Daí a sua vocação nômade. Era um "aventureiro", no dizer de alguns.

Os escritores regionalistas caracterizavam assim esse homem do Pampa: "Dê lhe um excelente chimarrão, um veloz cavalo, um suculento churrasco e o centauro do pampa se mostrará totalmente satisfeito". Seria este o sentimento do primitivo gaúcho? Outra característica do homem gaúcho, pintada pela tradição, é que ele era um valente que nunca temia a morte. Veja esta quadrinha popular:

*"Eu já morri uma vez,
Achei a morte tão doce
Que quisera morrer sempre,
Se a morte assim sempre fosse".*

E esta outra:

**Sou valente como as armas
Sou guapo como um leão.
Índio velho sem governo,
Minha lei é o coração.*

A sua religião, como a poesia, sempre foi muito natural, espontânea e simples. Dizem que gostava mais de imitar o militar do que o

padre.

Hoje em dia, chama-se gaúcho aquele que nasce no Rio Grande do Sul ou, aquilo que diz respeito ao Rio Grande. Porém, historicamente, gaúcho era a denominação dada ao homem das estâncias pastoris.

A palavra originou-se do espanhol "gaúche" e deve ter surgido lá pela metade do século XVIII, como a maneira pela qual os europeus indicavam os naturais da região pampeana, isto é, dos campos, à margem do Rio Uruguai. Época em que havia ainda uma indefinição de fronteiras entre a República Oriental do Uruguai e o Rio Grande do Sul.

Esse homem, relatam inúmeros historiadores e estudiosos, estava entregue às carreiras de caçar o gado. Chamavam também de "gaudério", na expressão de gente vagabunda, sem pouso. O padre Jesuíta Tadeu Xavier Henis, em 1754, assim definia esse homem: "Paulista que tem a propriedade e o costume de vender o que não é seu e que são chamados de "gaudérios"..." Esta definição está contida no Diário Histórico da Rebelião e Guerra dos Povos Guaranis, situados na costa oriental do Uruguai, relata Barbosa Lessa.

O gaúcho, esse homem das estâncias pastoris, portanto, é originário da pampa, vastas planícies dos países do Prata e do Rio Grande do Sul, cobertos de finas pastagens. Nós, rio-grandenses, chamamos essa área de campanha, uma longa faixa de fronteira com as Repúblicas da Argentina e Uruguai, cuja área ocupa mais ou menos um terço do território do Estado.

Nessa região do Rio Grande do Sul, ocorreu a transição do gaúcho gaudério, para o homem economicamente mobilizado, segundo as estruturas das estâncias: Sem leis, sem chefes, sem polícias.

Historicamente, este homem gaudério é descrito pela literatura oral como um homem que gostava de jogatinas. Jogava tudo o que possuía: dinheiro, cavalo, armas, tudo.



Figura 5 O Gaúcho é originário do Pampa, vasta planície dos países do Prata e do Rio Grande do Sul

Divertir-se, sofrer, matar e morrer, fazia parte do seu caráter. Costumava respeitar a propriedade de quem lhe fazia benefícios ou, nele depositava confiança. Identificava-se muito bem com o seu melhor amigo: o cavalo. Com ele, nasce, vive e morre. É ótimo cavaleiro. Nas guerras, o gaúcho, na presença do inimigo, espalhava-se em diferentes direções, evitando, com habilidade, os golpes dos adversários.

Euclides da Cunha, o nervoso estilista tropical dos "Sertões", descreve o gaúcho e o seu notável aspecto de caráter, diferenciando-o das populações do nordeste, quando diz: "O gaúcho, o peleador valente, é certamente inimitável".

A vida desse homem nas estâncias era uma festa contínua.

"Os rodeios, as marcações, todo o trabalho da vida campeira tinha aspecto de uma festa ruidosa ao ar livre, no palco grandioso da natureza de horizontes limitados..." relata o escritor Euclides da Cunha ao descrever a grandiosidade das tradições do homem da campanha.

A hospitalidade do gaúcho é descrita pelo naturalista francês

Sainte-Hilaire, ao visitar uma estância pobre: "A estância que fiz alto nada mais é do que uma mísera cabana, sem móvel nenhum. Quando entrei, a dona da casa, assaz bem composta, se ocupava da costura e, ainda tímida, respondeu às perguntas que lhe fiz. Tendo eu mostrado o desejo de comer, o dono da casa foi procurar nos campos uma vaca..." Este homem que assim procedeu não era rico", concluiu o naturalista francês.

Nas danças, o gaúcho sempre assumiu uma atitude de respeito, em relação à prenda. Na polca, na mazurca, na tirana ou na chimarrita, a mulher ficava à distância e a dança era quase sempre cerimonial. Mas podia acontecer, e acontecia, conta Manoelito de Ornellas, que, "sempre que dois gaúchos se achessem numa mulher, não seria de estranhar que um talho rasgasse a gaita e rolasse, num tapa, o candeeiro fumegante..."

As festas grandes do gaúcho foram sempre a carreira, o cotejo dos parceiros em cancha reta. E, do lado de fora das carreiras, o jogo do osso, onde jogavam fortunas inteiras. Mas nem sempre a vida desse homem decorria entre os folguedos das carreiras e os prazeres dos bolichos. O trabalho surpreendia-o de madrugada. Sempre foi um homem madrugador, quebrando o jejum pelo mate chimarrão.

A valentia do gaúcho

O gaúcho também é conhecido pela sua valentia. Tem fama de valente. Essa valentia tem sua origem na própria formação histórica do Rio Grande do Sul, que começou com um forte militar, na Barra do Rio Grande, instalado em 1737, com o objetivo de combater os castelhanos do Prata e conservar para os domínios de Portugal a Colônia do Sacramento, fundada no estuário deste rio, em 1680.

Por uma necessidade de guerra, nasceu o Rio Grande do Sul, que desde então, por cerca de 200 anos conheceu apenas três situações "alerta, em pé de guerra e a guerra em si".

Até 1750, os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul conviveram com a guerra que portugueses e espanhóis travaram entre si pela posse da Colônia do Sacramento, entregando, em troca, os Sete Povos das Missões a Portugal, numa tentativa de se eliminarem os conflitos existentes nessa área. Em vez de trazer a paz, gerou a guerra. A

Guerra Guaranítica, que acabou por destruir os Sete Povos das Missões.

O Tratado de Santo Ildefonso, de 1777, que entregava à Espanha, tanto a Colônia de Sacramento como os Sete Povos, não agradou aos gaúchos, que passaram a guerrear pela posse da região, até que conquistaram, em 1801, traçando pelas armas as fronteiras do Sul e Oeste do Rio Grande, onde passam, hoje os limites do Estado.

Na fronteira entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai os ataques sucediam-se com frequência, envolvendo povos de cada lado. De 1851 a 1852 os gaúchos encontram-se lutando contra o ditador Rosas da Argentina e Oribe do Uruguai. Depois vem a Guerra do Paraguai de 1864 a 1870 e o primeiro alvo dos paraguaios foi o Rio Grande do Sul. Em 1893 eclodiu a revolução federalista, a chamada revolução de 93 e as rivalidades internas levaram os gaúchos a se defrontarem entre si, das quais é exemplo a dos chimangos e maragatos.

O gaúcho foi guerreiro. Tinha tudo para sê-lo: homens livres e a maior máquina de guerra: o cavalo, o mais temível vencedor de batalhas, antes da introdução da guerra motorizada, no início deste século.

O poeta e pajador Jaime Caetano Braun, em entrevista ao jornal Zero Hora, ao abordar aspectos da história do Rio Grande do Sul e, às vezes, magoado pelo desprezo com que sempre foi tratado o nosso Estado, afirmava: "O Rio Grande do Sul é brasileiro por teimosia, foi por opção que escolhemos uma nacionalidade. Para isso, foram necessários anos de combates, pois somente pelas armas é que conseguimos, neste período todo, ser brasileiros". O gaúcho, continua o poeta, "longe da Corte, sempre foi um misto de pastor e de soldado, pois acompanhava as tropas, principalmente do Prata, já que não existiam fronteiras fixas, a não ser o Rio Uruguai. O resto eram fronteiras movediças. "É por isso que temos uma formação comum com o povo uruguaio e argentino," concluiu Jayme.

Cessadas as lutas, a valentia do gaúcho virou tradição, cantada por todos os quadrantes, como lembrança do espírito guerreiro dos ancestrais. Uma realidade social que o tempo vai apagando.

Mas, a par deste povo ter sido guerreiro valente, o homem rio-grandense do sul é ao mesmo tempo sóbrio e ordeiro.

Morre o gaúcho?

Cessadas as lutas internas e externas, a valentia do gaúcho virou tradição, cantada em prosa e versos, como lembrança do espírito guerreiro dos ancestrais.

E o tempo foi passando, os campos foram demarcados, medidos, cercados e o comércio e a pequena indústria da criação se firmaram e desenvolveram. O gaúcho, homem gaudério, nômade, aventureiro, se toma sedentário.

Guilherme César, crítico literário, escreveu no Correio do Povo, edição de 14/12 de 1976 um artigo intitulado: "o gaúcho morreu, desde quando?" Diz o crítico: "A morte do gaúcho é um tema em ritornelo. Mal havia surgido a sociedade pastoril da fronteira, os primeiros observadores o consideraram como um elemento marginal em retirada expelido pelo próprio quadro histórico em que se individuara. O velho cacique, nos versos de Gonçalves Dias, afirma para ser crido: "Meninos, eu vi!" Mas em face do gaúcho, poucos são os que dizem: "eu vi"; preferem a derivante saudosista: "Quando existia no gaúcho"... Desta forma contam-se pelos dedos os que descrevem no presente do indicativo. Tratam-no como se ele já houvesse desaparecido do espaço físico, deixando vivas somente as brasas do fogo"...

Esse gaúcho de ontem passa a ser, em consequência, um mito e não uma criatura de sangue e nervos. A valorização daquilo que foi, no dizer de Guilhermino César, que não está mais.

Em 1919, o escritor regionalista Roque Callage escrevia: "O gaúcho já não é mais o mesmo. Tem outro tombo na andadura e outra linha nas arremetidas físicas. É mais por um tocante respeito ao passado, por um mero sentimento de apego à herança avorenga, do que por imposições de hábitos que vemo-lo enfiar o poncho e as botas, reatar o lenço colorado no pescoço, arrastando as chilenas barulhentas". Diz, ainda, o escritor: "O Gaúcho, na sua significação primitiva é um fantasma errando entre mortos, um centauro que desapareceu num pôr-do-sol, talvez, rumo à estância erma, justamente de onde saíra com os lances de sua bravura e com a faceirice de seu pingo..."

O grande Alcides Maya, escritor regionalista, descrevendo sobre a vida riograndense, a figura do gaúcho e suas tradições, dizia: "O gaúcho é

um tipo de decadência, uma ruína viva..."

Rubens de Barcelos, no início do século XX, descrevia o declinar da cultura rio-grandense assim: "Chegamos a um estado social, onde os costumes estão sendo apagados e que só fica no coração do gaúcho a saudade e o orgulho do passado heroico".

O gaúcho deixa o pago

Certo dia, o gaúcho teve que se mudar porque as terras foram ficando divididas e enfraquecidas.

A primeira colonização migratória de gaúchos dirigiu-se para Oeste de Santa Catarina, provocada pela Revolução Federalista, que ensanguentava o Rio Grande do Sul e que foi uma das guerras civis mais longas do Brasil República.

Com a saída do gaúcho e sua família para outros estados do Brasil, muitas vilas desapareceram e muitos dos seus municípios estacionaram em proveito de Santa Catarina e Paraná.

O Acre, por exemplo, nasceu da bravura de um gaúcho: Plácido de Castro, trabalhando como agrimensor e demarcador de terras e seringais. Rondônia, Goiás, Mato Grosso do Sul, são exemplos de sucesso do gaúcho no Brasil.

Segundo dados do IBGE, 90 mil gaúchos emigraram para outros estados na década de 40, e 130 mil na década de 50, acarretando consideráveis perdas, não só de elemento humano, como de recursos financeiros, em favor de outros estados da Federação.

Uma das características do gaúcho é que ele tem fama de trabalhador. Perante certos tipos de irmãos brasileiros, o gaúcho é considerado um "super-homem", um gigante no trabalho, um empreendedor e progressista.

Fatores de importância sociológica determinaram o povoamento de grande parte do Brasil pela gente do Rio Grande do Sul e seus descendentes.

O modelo que os gaúchos transplantaram nas regiões do Brasil por eles povoadas foi o da pequena e da média propriedade rural, dono de sua terra, apto a cultivá-la e dela extrair o necessário à subsistência da família. Era o modelo do núcleo familiar que trabalhava com o seu próprio capital e instrumentos e que, por isso, gozava de autonomia econômica e de liberdade de ação no meio em que vivia ou, pretendia viver.

Esse modelo, originou-se daqueles primeiros imigrantes alemães e italianos, perpetuado, depois, por seus filhos e netos, nos novos espaços colonizados. Eles, na medida em que se multiplicavam, também iam multiplicando pequenas e médias propriedades, dominadas, novamente, por proprietários, senhores absolutos do seu trabalho, donos de sua terra, de suas casas, dos seus animais e dos seus instrumentos de lavoura.

Como uma célula que gera outra célula igual a si mesma, o gaúcho deixava o seu torrão natal levando consigo toda a sua família. Esta é a razão porque os gaúchos conservam suas tradições e o modo de vida, mesmo longe do Rio Grande do Sul. A convivência familiar e a vizinhança com outras famílias da mesma origem permitiram manter vivos os laços, os hábitos e costumes que eram comuns na terra natal. Daí porque, o fenômeno do tradicionalismo gaúcho, fora do Rio Grande do Sul.

É fácil encontrar cidades tipicamente gaúchas fora do Rio Grande, de gente que toma chimarrão, faz churrasco e dança fandango no seu CTG.

O REGIONALISMO LITERÁRIO

O imobilismo cultural porque passava o Rio Grande do Sul foi sacudido, nas primeiras décadas do século XX, pelo movimento chamado de Regionalismo Literário.

A primeira guerra mundial já estava no seu final, quando o escritor e erudito João Pinto da Silva alertava para a necessidade dos rio-grandenses e dos latinos americanos de manter viva as nossas tradições, os nossos traços distintivos, as nossas linhas características como raça. Ele antevia o grande perigo para a manutenção do espírito latino, se deixarmos seduzir pela civilização norte-americana, que passava a dominar o centro das operações bancárias e o domínio financeiro sobre a

América Latina ("vultos do meu Caminho, Globo, 1918, p. 15).

O ciclo literário do regionalismo, uma espécie de movimento tradicionalismo literário, tem início nas primeiras décadas do século, como uma expressão e respeito ao homem do campo. Quem começa esse movimento, são jovens integrantes do segmento cultural do Rio Grande do Sul, inquietos com a situação da época.

O Regionalismo Literário volta-se para as coisas do Rio Grande mas, ao mesmo tempo, queria o intercâmbio fraterno com as demais expressões do pensamento brasileiro. Tanto isto é verdade, que o escritor gaúcho Darcy Azambuja arrebatou com "No Galpão" o ambicionado prêmio, em 1925, da Academia Brasileira de Letras e seu colega Vargas Netto, destaca-se na poesia, através do clássico "Tropilha Crioula". O parecer da Comissão da Academia Brasileira de Letras diz assim em relação à obra "No Galpão" de Darcy Azambuja: "Trata-se de uma série de contos regionais, tendo por cenário o Rio Grande do Sul, onde vive o autor. Todo o livro retrata a paisagem e, na ação, o ambiente rio-grandense com suas características..." é um livro genuinamente brasileiro" (Almanaque do Globo, 1928).

Esse ciclo do culto às tradições do Rio Grande do Sul, através de uma elite intelectual, tem como base a fundação de um grêmio literário, em 1868, chamado de Partenon Literário que, através dos seus primeiros cultores, se deixou atrair, acima de tudo, pelo passado gaúcho.

Com o Partenon Literário, surgiram os grêmios gaúchos, fundados em Porto Alegre, Pelotas, Bagé e Ijuí, com o objetivo de cultuar as tradições do gaúcho. Eram atividades isoladas uma da outra. Durante a fase do Regionalismo Literário, surgiram figuras exponenciais como Simões Lopes Netto, Alcides Maya, Darci Azambuja, Augusto Meyer, Apolinário Porto Alegre, Roque Callage, entre outros, quando chegamos quase ao limite da literatura regionalista do Rio Grande do Sul.

Na obra "História Literária do Rio Grande do Sul" de autoria de João Pinto da Silva, se observa uma consciência do regionalismo, quando ele diz: -"O que o homem do nosso campo, tanto o estancieiro quanto o mais humilde trabalhador rural, oferece de impressionante, a qualquer observador meticuloso, é justamente a sua capacidade de renovação, a presteza da sua ativa e inteligente adaptação às exigências novas da vida. Não é a indumentária o essencial à sua caracterização, como não o é,

tampouco, o modo de se conduzir na vida. Vestido à europeia, a pé ou a cavalo, derrubando touro ou ouvindo as óperas do Teatro Colón de Buenos Aires, por intermédio do rádio, o que dá fisionomia histórica ao gaúcho, o seu vínculo de diferenciação, é a franqueza nas atitudes e nas palavras, a bravura quixotesca, o narcisismo, a instantaneidade impulsiva das resoluções, a veemente vocação cívica..." Tais virtudes, conclui o escritor regionalista, constituem o fundo permanente, imutável, do seu caráter. Por isso, não variam com as condições materiais, ou morais devida".

O almanaque do Globo - 1928 p. 216 destaca a obra de Apolinário Porto Alegre, o Partenon Literário, que se instalou na capital do Estado do Rio Grande do Sul, por volta do ano de 1868 como "famoso cenáculo em cujo seio fervilhavam inteligências de "elite", ávidas do saber.

DO REGIONALISMO AO TRADICIONALISMO

Diziam os escritores regionalistas do Rio Grande do Sul que "chega um momento na vida em que o homem, ante as flutuações do seu espírito, quer chegar a um ponto de apoio".

A tradição é justamente essa força. É o amor pela terra.

Como o Regionalismo Literário, conseqüente, que passou entre nós por um momento importante para a vida cultural do Rio Grande do Sul, cuja sementeira foi o Partenon Literário, lugar onde se espelha a tradição, o tradicionalismo atual é uma nova fase do culto às tradições do Rio Grande do Sul, assinalado pela fundação, a 24 de abril de 1948 do "35" Centro de Tradições Gaúchas, por um grupo de jovens estudantes.

Três dos seus fundadores, pelo menos, viriam tornar-se nomes que ficarão na história da cultura regional do Rio Grande do Sul: Paixão Cortes, Barbosa Lessa e Glaucus Saraiva, este último já falecido.

Segundo Barbosa Lessa, um dos precursores do tradicionalismo rio-grandense, que vem se desenvolvendo desde o ano de 1947, com características especiais, o tradicionalismo visa precisamente combater os dois reconhecidos fatores de desintegração social: o enfraquecimento do

núcleo cultural, isto é, aqueles inúmeros hábitos, princípios morais, valores, associações e reações emocionais partilhados por todos os membros de uma determinada sociedade; e o desaparecimento dos grupos locais, que Barbosa Lessa define ser "o agregado de famílias e de indivíduos avulsos que vivem juntos em uma certa área, compartilhando hábitos e noções comuns".

O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO

O Movimento Tradicionalista Gaúcho surgiu, exatamente, para reforçar o núcleo cultural do Rio Grande do Sul, através dos centros de tradições gaúchas espalhados por todo o Rio Grande, atingindo muitas comunidades fora do Rio Grande do Sul, onde o gaúcho migrou com sua família.

O tradicionalismo é um movimento nitidamente popular e, para vencer, é preciso que seja sentido e desenvolvido no próprio seio das camadas populares. Sua dinâmica, nos ensina Paixão Cortes, realiza-se por intermédio dos CTGs, agremiações de cunho popular, que têm por fim estudar, divulgar e fazer com que o povo "viva" as tradições rio-grandenses. O tradicionalismo, portanto, consiste numa experiência do povo rio-grandense, no sentido de auxiliar as forças que pugnam pelo melhor funcionamento da engrenagem da sociedade". Conclui-se, daí, que ele não é uma volta ao passado, como alguns, mal informados, teimam em defender, ardorosamente. O tradicionalismo com os olhos no passado, constrói o futuro.

OS CENTROS DE TRADIÇÕES GAÚCHAS

O professor e poeta Mozart Pereira Soares ao escrever sobre os CTGs, disse: "Esses centros vêm escrevendo um capítulo especial de nosso urbanismo que precisa ser estudado..." (C. Povo 13.08.83).

O CTG procura devolver ao indivíduo as mesmas características

do grupo local que ele perdeu ou, teme perder: "O pago", sua "terra". Esta agremiação chamada de Centro de Tradições Gaúchas, CTG, toma a feição de uma estância simbólica, em que o presidente é o Patrão e os departamentos são as Invernadas, imperadas por peões e prendas, para cultivar as tradições do Rio Grande do Sul, através da música, das danças, da poesia nas suas manifestações locais.

Os CTGs, diz o professor Mozart Pereira Soares, "estão ensejando um novo diálogo cidade-campo que vem substituir o elitismo burguês dos antigos clubes comerciais, instalados às esquinas das praças principais, onde o poder festava e decidia".

Esses centros de tradições gaúchas na sua maioria, têm procurado ser espontâneos, mas nem tudo tem sido autêntico. Na verdade, a eles devemos a mobilização das nossas manifestações sociais, através da organização das festas campeiras, em que grande parte da população de uma comunidade toma parte. Também, dos centros de tradições nasceram as festas musicais, trazendo para o convívio do povo muitos artistas regionalistas. Com o tradicionalismo se multiplicaram os programas de rádio e televisão, destinados a propagar os valores regionais.

Glaucus Saraiva, um dos precursores do Movimento Tradicionalista Gaúcho, escritor e folclorista e que deixou rico acervo sobre a cultura rio-grandense, expressa algumas preocupações acerca dos CTGs.

Dizia ele:

"Bastaria, apenas, uma investigação superficial entre os inúmeros centros de tradições gaúchas e os milhares de tradicionalistas do nosso Estado, um levantamento estatístico para saber quantos cumprem, ou pelo menos, conhecem nossa Carta de Princípios que: por força de Congresso, deveria ser a orientação do Movimento".

Barbosa Lessa, escrevendo sobre o "Sentido e o Valor do Tradicionalismo", expressa a sua preocupação que ele reputa de importantíssima - "Operar com intensidade no setor infantil ou educacional, para que o tradicionalismo não desapareça com a geração dos tradicionalistas de primeira arrancada e assistência ao homem do campo, para não se manter uma tradição fantasma".

Uma outra preocupação de Glaucus Saraiva se referia às patronagens dos CTGs. "Os centros de tradições gaúchas", dizia ele, "não podem continuar se constituindo, como é comum, em núcleos cuja preocupação maior é o recreio. Eles têm que objetivar suas atividades num sentido educativo", concluía.

O que se sabe, na verdade, é que aumenta no Estado o interesse pelo gauchismo, assumido, principalmente, pela juventude, graças à pregação dos tradicionalistas.

No momento, há um grande interesse no Rio Grande do Sul por tudo o que seja do gaúcho e a bombacha e o chimarrão já integra na vida do dia-a-dia de todos os moradores do Rio Grande do Sul. Os centros de tradições gaúchas se multiplicam, surgem os grupos folclóricos, os piquetes e quadros de laçadores, se organizam as festas campeiras, os festivais, e o 20 de Setembro que só era lembrado, antigamente, pela Brigada Militar, hoje é festivamente comemorado pelas agências bancárias, escolas, empresas privadas, para cultuar as tradições do gaúcho.

A CULTURA GAÚCHA

O galpão:

"Lá fora, no galpão, à beira do fogo, os peões, também mateando, contavam os rudes casos..." (Darcy Azambuja - "No Galpão").

No núcleo da cultura gaúcha encontra-se o galpão.

"Do ponto de vista material, é uma construção humilde. Mas, do ponto de vista social é algo muito importante, constituindo-se uma espécie de clube, onde se contam casos, toma-se o gostoso chimarrão e onde o forasteiro é sempre bem recebido..." (Barbosa Lessa)

Neste cenário, o elemento predominante é o fogo-de-chão. A cuia e os demais avios de chimarrão, o gaúcho tem sempre o mate correndo na volta, como expressão de lazer e cordialidade.

No galpão guardam-se os arreios, após desencilhar a montaria e, são raros os móveis. Nesse ambiente se prepara e se come o churrasco e se improvisam reuniões de que participavam, democraticamente, patrão e peões e, sempre havia um peão teatino que contava casos ouvidos com atenção por todos.

Manoelito de Ornellas descreve assim o cenário de um galpão: "O chão batido pelo socador de cabriúva, ou cedro, nivelava-se como assoalho do galpão... Na parede, penduradas, as guampas para o leite. Num canto, o currote para a água fresca da restinga. Do tento, pendentes de um caibro, alguns bicos de porongo, uma reboleira de tentos, uma chaira passada entre a palha cor de bronze, um par de chinelos..."

A erva mate e o chimarrão

“Senhora dona de casa

Eu sou muito pedinchão,

Mande-me dar que beber

*Mas que seja um chimarrão.**

(quadrinha popular)

A história do chimarrão acompanha a história do homem rio-grandense. Nossos índios, constataram os jesuítas, faziam uso da erva-mate, desde os tempos imemoriais. A bebida que viria ocupar tão destacado posto nos usos e costumes dos gaúchos, pelas suas extraordinárias qualidades, muito custou para se prestigiar entre o povo, de um modo geral.

Sem o chimarrão, é muito difícil definir o gaúcho.

O naturalista francês, Saint-Hilaire, quando de passagem pelo Rio Grande do Sul, em 1820, hospedou-se numa estância gaúcha e registra o seguinte sobre o uso da bebida: "O uso dessa bebida é geral aqui. Toma-se ao levantar da cama e depois várias vezes por dia. A chaleira de água quente está sempre ao fogo e, logo que um estranho entra em casa, lhe

oferecem o mate..."

Muito expressivo para a história de Palmeira das Missões é a parte do relatório que trata dos ervais da margem esquerda do Rio da Várzea:

"Calculava-se em 30 mil arrobas que eram contrabandeadas e outras tantas. O destino desta produção era Itaqui, onde se efetua quase que exclusivamente a exportação deste gênero para fora da província..." O que esta produção significava para a região em seus começos, pode ser avaliado por esta tópico: "...a erva pode ser considerada o terceiro gênero de comércio da Província, depois do gado bovino e do muar, e, porque no seu fabrico ela não exige capital algum, visto as árvores apresentarem-se silvestres e não necessitar trabalho de cultura..." (Mozart Pereira Soares, "Santo Antônio da Palmeira, p.88).

Os ervais nativos, localizados no Alto Uruguai, terras limítrofes com o Estado de Santa Catarina eram colhidos pela mão-de-obra escrava dos índios, o comércio era efetivamente rendoso e o uso do chimarrão se tornava comum entre todos os gaúchos.

Mozart Pereira Soares, um estudioso no assunto, que cultivava a erva-mate e a transforma num saboroso chimarrão, graças à sabedoria por seus ancestrais, fala acerca da erva-mate: "A erva seria ainda uma planta providencial para o reflorestamento das velhas terras das encostas mais ou menos íngremes, onde se plantaram, nos primórdios do século, as lavouras dos colonizadores, hoje em grande parte abandonadas, em favor das terras menos acidentadas do Planalto. Naquela situação, a erva-mate é planta ideal para o revestimento do solo, uma vez que não será eliminada por cortes, mas apenas podadas periodicamente".

Barbosa Lessa, numa conferência para os jovens tradicionalistas da 7ª Região, falando sobre a roda do chimarrão disse: "O rito do chimarrão proporciona dois resultados principais: O primeiro é o senso de solidariedade sem hierarquia. O segundo resultado que proporciona o rito do chimarrão é que a pessoa tem que desenvolver duas condições difíceis na vida: aprender a escutar e aprender a esperar..."

Toda a pessoa que costuma passar pelo Rio Grande, por um galpão crioulo e até por uma sala requintada, sempre encontra um chimarrão correndo de mão-em-mão. Pelo chimarrão, o gaúcho conquista muitas amizades desinteressadas e a hospitalidade é uma constante, numa roda de chimarrão.

A carreta

A carreta é um dos símbolos mais fortes da tradição gaúcha.

Durante a Revolução Farroupilha, bois carreteiros e carretas foram personagens em importantes papéis, desde a epopeia à tragédia. Na epopeia, quando Garibaldi fugiu ao bloqueio do canal do Rio Grande pela esquadra inimiga e foi largar seus barcos, puxados por centenas de juntas de bois, através das areias do litoral, em pleno Oceano Atlântico, rumo à conquista de Laguna, em Santa Catarina.

Na tragédia, quando cercados por numeroso exército imperial e já não podendo estacionar em parte alguma, os chefes se instalaram numa carreta e ali despachavam os assuntos do Estado Republicano Rio-Grandense, na estoica demonstração de que, embora itinerante, a República sobrevivia.

Mesmo após o estabelecimento das ferrovias, continuou a carreta como principal veículo de cargas das regiões onde os trilhos não passavam.

Cada carreta era puxada, geralmente, por cinco juntas de bois e a cada junta dava-se um nome. Aos primeiros bois dava-se o nome de bois da pontar, por fim, junto ao cabeçalho, os bois do coice.

Nostalgicamente, Barbosa Lessa lembra as carretas desta maneira: "Talvez nenhuma outra cena nos provoque tão profundo sentimento do que o inesperado deparar com uma carreta numa volta do caminho, lentamente puxada pela mansidão dos bois, em violento contraste com uma época vertiginosa que, de tanto correr, já dá a impressão de ter perdido o próprio rumo".

Da mesma forma expressa o poeta Apparicio Silva Rillo:

**Velha carreta esquecida,
desengonçada e capenga,
fostes a maior andarenga
que o Rio Grande conheceu.*

*Quase a ninguém hoje importas,
no museu das coisas mortas
o progresso te esqueceu!"*

As rodas das carretas rangeram, pesadamente, durante muito tempo, subindo e descendo as colinas do Rio Grande. O ruído metálico de uma chaleira vazia, enegrecida pelas labaredas dos fogos, pendurada na ré da carreta, ecoava na imensidão do pampa...

Êra boi Barroso! êra, êra, boi Pitanga!...

A indumentária

Toda a indumentária é o resultado das influências recíprocas entre o homem e o meio ambiente.

Os primeiros estancieiros, aqueles que se ficaram no solo gaúcho, trajavam à moda europeia. No entanto, com o passar do tempo, foram assimilando a forma de vestir do povo da terra, os indígenas e o homem da Pampa, o gaúcho.

Muitos viajantes ilustres que passaram pelas terras do Rio Grande do Sul, no século XVIII e XIX, descreveram o chiripá como uma vestimenta dos campeiros rio-grandenses e a peça mais usada pelos farroupilhas, no período da Revolução de 1835 a 1845.

Manoelito de Ornellas, no livro "Gaúchos e Beduínos" diz que é possível que as maragas, trazidas pelos maragatos, sugerisse o modelo das bombachas, de pregas laterais, com moedas de prata ou botões, seguradas à cintura pela faixa, precursor da guaiaca. Na dobra dessas faixas, diz o escritor, guardava o gaúcho seu dinheiro.



Figura 6 A indumentária do gaúcho do Planalto Médio na década de 60 (prendas e peões do CTG Lalau Miranda)

O naturalista francês, Saint-Hilaire, ressalta nos seus apontamentos dizendo: "De fato, o traje dos habitantes da Capitania do Rio Grande é um pantalon (bombachas), de algodão, botas e esporas..."

Quando o naturalista chega ao Uruguai, a vestimenta que se lhe depara e que nota com insistência nos soldados do General Artigas é o chiripá, o qual descreve minuciosamente como "um pedaço de fazenda de lã, da qual fazem uma cintura e que cobrem as pernas descendo até os joelhos, como saia curta. Têm calças largas, de uma fazenda de algodão feita em casa, as quais, na extremidade de cada perna termina por uma franja..."

Mais tarde o chiripá cedeu lugar à bombacha, em todo o Rio Grande do Sul, conforme diz esta quadrinha popular:

A gaita matou a viola,
O fósforo matou o isqueiro;
A bombacha o chiripá,

A moda, o uso campeiro

A mulher, relata Saint-Hilaire ao tempo em que visitou a Província, se vestia com muita discrição, embora aparecessem alguns enfeites de rendas. Os vestidos eram longos, formados por dois panos e a mulher das tribos indígenas usavam um chiripá. Há que se distinguir, também, disse o antropólogo, "a vestimenta dos peões, o homem rude do trabalho diário", que usavam o chiripá.



Figura 7 A simplicidade e a beleza da prenda jovem, com seu pai, num fandango do CTG Lalau Miranda em Passo Fundo. Cláudio Goelzer apresentando a filha à sociedade tradicionalista.

O folclorista e pesquisador Antônio A. Fagundes relata no seu livro, "Indumentária Gaúcha", editado pelo Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, que "antigamente os peões das vacarias, por ser pobres e desinteressados, não eram de muito luxo. Só usavam ceroulas de crivo

nas aglomerações urbanas. No mais, andavam de pernas nuas, como os índios...”

SENTIMENTO DE INTEGRAÇÃO

Desde que Portugal e Espanha dividiram a América em colônias, realizaram tratados que resultaram em guerras, tendo o Rio Grande do Sul como palco de sangrentas batalhas, jamais se viu existir um sentimento de integração tão forte entre as nações situadas na parte meridional da América, como nos dias atuais.

Como naqueles tempos, o Rio Grande do Sul continua como centro geográfico. Só que agora de uma nova ordem. Não para ser guardião do Império, defender as fronteiras, mas para promover a união entre os povos da terra pampeana.

Essa integração não tem sido muito fácil entre as autoridades de Brasília, Buenos Aires e Montevideú. A integração entre brasileiros, argentinos e uruguaios concretiza-se pela prática, pelo sangue pampeano, pela nacionalidade, pelo sentimento. "A prática atropela as leis", afirma o dito popular.

O Rio Grande do Sul, lugar onde só se erguiam quartéis, com um atraso de duzentos anos de fronteira, hoje passa a construir pontes, que unem, como a ponte São Borja - Santo Tomé, sobre o rio Uruguai.

Luigi Rosseti, que trabalhou na mais antiga imprensa rebelde do Rio Grande do Sul, "O Povo", jornal político da República Rio-Grandense, dizia:- "O novo princípio que tende a levantar-se sobre as ruínas do antigo é a democracia... Todos sabem que o povo, os grandes, os imperadores e os reis, todos têm a mesma origem, e que nem os reis nem os grandes são pátria e a nação; sabem que o povo é a força da nação..."

II - CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS

LALAU MIRANDAPASSO FUNDO – RS

*"EM QUALQUER CHÃO, SEMPRE
GAÚCHO
PELO BEM DO BRASIL "*



*os feitos do índio guapo
deste Rio Grande Farrapo
de gloriosa tradição...*

*... Não surgistes do acaso
Velho Centro pioneiro,
da ideia de algum campeiro
surgiu a tua fundação,
pra cultuar com emoção*

(CLÔVIS VALLADARES - Patrão do CTG Tropilha Crioula)

ANTECEDENTES HISTÓRICOS:

Durante os anos quarenta, dois importantes fatos marcaram a história brasileira: a participação dos pracinhas na II Guerra Mundial e a redemocratização do Brasil, com a queda de Getúlio Vargas. Com isto, a imprensa se torna livre novamente e o país é tomado por uma gama interminável de propaganda, em tomo dos hábitos e costumes dos americanos do norte e dos ingleses, estados realmente vencedores da última guerra mundial e que se propunham exercer o domínio cultural, através da música, do modo de vestir, da literatura, usando como veículo os meios de comunicação social.

Essa situação levou um grupo de gaúchos a uma reflexão, resultando a criação do movimento tradicionalista gaúcho, no final da década de 40, com a fundação do primeiro CTG, o "35" na cidade de Porto Alegre.

A ideia logo se espalhou pelo Rio Grande do Sul, chegando em Passo Fundo nos primeiros dias de 1952, através do professor Antônio Donin, que recém chegava da cidade de Rio Grande. De imediato, o professor contou a novidade para Múcio de Castro, jornalista e Diretor Presidente de O Nacional, e Ney Vaz da Silva, empresário, Jorge Edethey Cafruni, professor e Tenebro dos Santos Moura, funcionário público, poeta e tradicionalista.

Assim relatou o professor Antônio Donin ao grupo: - "Está surgindo no Rio Grande do Sul uma sociedade que procura cultuar as tradições do gaúcho, chamada de centro de tradições gaúchas. Cidades como Porto Alegre, Taquara, Iraí, Palmeira das Missões, Pelotas, Bento Gonçalves e Itaqui já fundaram a sua entidade e Passo Fundo necessita contar com um desses centros para impedir que desapareçam, sufocadas pela voragem da evolução, as nossas tradições e a genuína alma gaúcha, que, pelo nosso passado heroico, goza de admiração de todo o Brasil".

A ideia foi debatida pelo grupo e, imediatamente, o professor Jorge Cafruni tomou todas as providências para que fosse realizada uma reunião, mais ampla, em tomo do assunto.

No dia 24 de janeiro, no Clube Comercial da cidade, o grupo foi ampliado com a presença de Gomercindo dos Reis, Sabino Santos,

Conrado Hexel, Juliano Poletto, Falbo Pimentel, José Paim Brites, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Heitor Saldanha, Djalmo Cúrio. Foi eleita uma Comissão Provisória, presidida pelo jornalista Múcio de Castro, para fundar na cidade de Passo Fundo um centro de tradições gaúchas. Nesta primeira reunião, foram tomadas algumas providências. Djalmo Cúrio de Carvalho sugeriu e foi aprovado o lema do futuro CTG: "Em Qualquer Chão, Sempre Gaúcho, pelo Bem do Brasil".



Figura 8 Posse da Patronagem do CTG Lalau Miranda 1960/1961. No microfone, jornalista Múcio de Castro. Sentados, Manoel Portela, Raimundo Bona, Ramente De Cézar, entre outros tradicionalistas. No fundo, os velhos acordeonistas, Rancho Velho e Cruzeiro.

Em primeiro de fevereiro, tendo por local as dependências do Círculo Operário, a comissão se reuniu para deliberar sobre a estrutura do centro de Tradições gaúchas e as possibilidades de construir uma sede, que foi denominada de "Galpão Típico". Nesta reunião o grupo contou com a participação de Daniel Czamanski, Cirne Pinto Lima, Telmo Ilha, Antônio Albuquerque, Jovino Silva e Emílio da Silva Quadros. Ficou decidido que o Centro teria uma biblioteca regionalista e o Sr. Falbo Pimentel prometeu doar parte da madeira para levantar o "galpão típico", bem como trazer de

Campo do Meio os gaúchos para realizar uma cavalhada. As duas promessas foram bastante aplaudidas. O jovem Paulo Riem, presente na reunião executou no violino a valsa "Última Inspiração" e, a seguir, Gomercindo dos Reis recitou aplaudidos versos regionalistas, seguido, também, pela interpretação dos poetas Tenebro dos Santos Moura, Cirne Pinto Lima e Jovino da Silva.

Em 8 de fevereiro, a comissão encarregada de organizar a fundação do centro de tradições gaúchas se encontrou, novamente, agora na firma comercial do Sr. Ney Vaz da Silva, a GMC, para ultimar os preparativos da fundação oficial do CTG. Nesse dia, o diretor da Rádio Passo Fundo se fez presente, prometendo a colaboração da emissora, organizando um programa radiofônico tradicionalista a ser levado ao ar, todos os domingos, às 14 horas. A adesão da Rádio Passo Fundo foi muito aplaudida pela Comissão que, imediatamente, prometeu selecionar cantores, poetas, músicos, trovadores e declamadores para formar o elenco de artistas apresentadores do programa radiofônico.

A FUNDAÇÃO DO CTG LALAU MIRANDA

No dia 24 de março de 1952 foi definitivamente fundado o Centro de Tradições Gaúchas LALAU MIRANDA em homenagem ao tradicionalista Estanislau de Barros Miranda, mais conhecido por Lalau Miranda, homem de razoáveis posses e saber, nascido em Passo Fundo em 24 de novembro de 1853, sempre voltado para o desenvolvimento de sua terra, inteiramente dedicado às lides campeiras, conhecedor e intérprete da música e da dança gaúcha.

Nesse dia, foi debatido e aprovado o Estatuto do CTG, elaborado nos moldes do CTG 35 de Porto Alegre. Antes de tomar posse a primeira patronagem, com a presença das mais altas autoridades do município, houve aplaudidas apresentações artísticas de cunho regionalista, estando presente a dupla famosa Orlando e Alfredinho e o cantador Piola que travou demorada porfia de versos repentistas com o passofundense Setembrino da Silva.

Os meses que viriam, até o ano de 1953 foram destinados para estruturaras internadas e nomeação dos posteiros.

CTG Lalau Miranda é a continuidade do trabalho iniciado pelos peões do 'CTG35" de Porto Alegre em 1952.



Figura 9



Figura 10 A Patronagem, Prendas e Peões do CTG Lalau Miranda recebem a Miss Brasil VERA MARIA BRAUNER -1961.

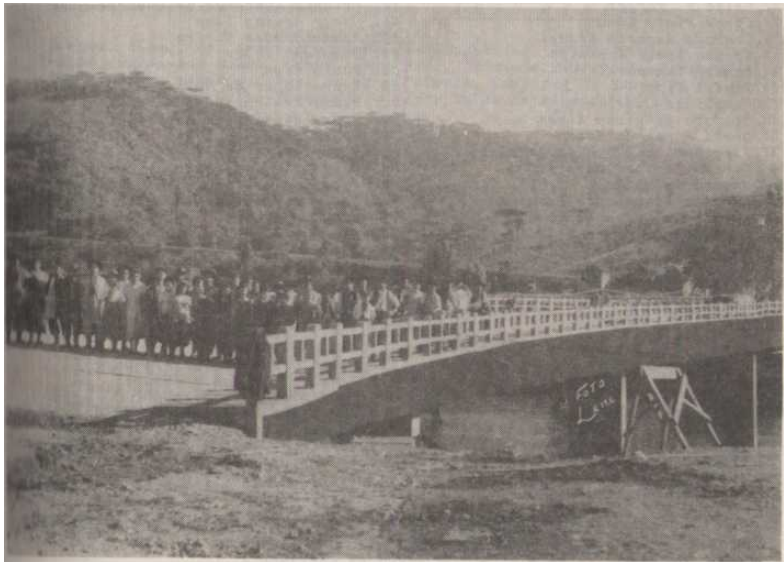


Figura 11 Caravana do CTG Lalau Miranda, atravessando o estado para levar a cultura do Rio Grande do Sul.

SÓCIOS FUNDADORES DO CTG LALAU MIRANDA DE PASSO FUNDO

1. Abílio Jardim da Silva	58. Jane Pimentel
2. Admar Lucas de Almeida	59. João José de Andrade
3. Albertina Machado Rosado	60. João Paz Filho
4. Alencar Pacheco de Lima	61. Joaquim Ribeiro Guimarães
5. Alfredo Custódio	62. Jorge Edethe Cafruni
6. André Pihan	63. José Calazans Cardoso
7. Anísio Silva	64. José Lamaison Porto
8. Antenor Gomes Vidal	65. José Paím Brites
9. Antônio Carlos Machado	66. Jovino Silva
10. Antônio Donin	67. Juliano Poletto
11. Antônio Marinho Albuquerque	68. Julieta Guimarães
12. Antônio Ribas Machado	69. Linda Leone de Senna
13. Aquelino Traslatti	70. Manoel Garrido
14. Aristides Bastilio de Campos	71. Manoel Gonçalves de Souza
15. Aristóteles Lima	72. Manoelito de Ornellas
16. Armindo Honaiser	73. Mário Daniel Hoppe
17. Arthur Canfield	74. Mário Garbelotti
18. Arthur de Lima Lângaro	75. Moisés Marinho Ribas
19. Arthur Sussenbach	76. Múcio de Castro
20. Ben Hur Silva	77. Naldina Lisboa Rodrigues
21. Benjamin D'Agnoluzzo	78. Ney Menna Barreto
22. Bráulio de Senna	79. Ney Vaz da Silva
23. Carlos Soares Moreira	80. Nira Worm dos Reis
24. Cecy Paím Brites	81. Noely Magalhães Brites
25. Celso da Cunha Fiori	82. Odalgiro Gomes Corrêa
26. Celso Fernandes	83. Oldemar Behrends
27. Celso S. Vargas	84. Orlando Lourenço de Quadros
28. Cirne Pinto Lima	85. Oscar Aguiar Lima
29. Conrado Augusto Haxsel	86. Oscar Borges Vieira
30. Creusa Noéi Carneiro	87. Otaviano Isler
31. Daniel Czamanski	88. Paulo Rien
32. Daniel Dipp	89. Pedro Lopes de Mello
33. Deodolides Gudolle	90. Pedro Pellegrinotti Couto
34. Deodoro Otheiran Alves	91. Pedro Ribeiro de Rezende
35. Derli Lopes da Silva	92. Pedro Rien
36. Diógenes Aulido Martins Pint	93. Pery de Castro
37. Dirceu Sartori Carneiro	94. Podalirio Fontoura
38. Djalma Silva	95. Propício Prado
39. Edmundo Fioravante Pereira	96. Raul de Lima Lângaro
40. Emílio da Silva Quadros	97. Renato Pimentel
41. Euclides de Moura Filho	98. Ricardo Ricco
42. Falbo Pimentel	99. Sabino Santos
43. Flora Machado Fagundes	100. Sadi Machado da Silva (Rvd?)
44. Francisco Antonio Xavier de Oliveira	101. Saul Sperry Cesar
45. Francisco Pereira	102. Serafim Peimoto de Magalhães
46. Francisco Salles	103. Setembrino R. da Silva
47. Fredolín Paím	104. Sueli Carneiro
48. Getúlio de Jesus Martins Pinto	105. Tarsó de Castro
49. Gil Monteiro	106. Telmo Dornelles de Azambuja
50. Gomercindo dos Reis	107. Tenório dos Santos Moura
51. Grey Belles	108. Teodorico Guimarães
52. Heitor Saldanha	109. Terezinha de Jesus Canfield da
53. Henrique de Almeida Filho	110. Valter Guimarães /Silva
54. Hernani Gama Lobo	111. Vergínio Demétrio e Silva
55. Iracema Salles	112. Victor Graeff
56. Ivo Paím	113. Victor Marques Pinto da Silva
57. Ivo Rodrigues Fernandes	114. Vitorino Revellieu.

Conforme assinaturas conexas da Ata de Fundação de 24.03.1952.

HONORÁRIO Gasparetto - 17.11.79

2ª Nota Capataz

ATA DECLARATÓRIA DE FUNDAÇÃO E ELEIÇÃO DA PRIMEIRA DIRETORIA EFETIVA DO CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS "LALAU MIRANDA" (479/22.10.79)

Aos vinte e quatro dias do mes de março de um mil, novecentos e cinquenta e dois, no prédio do Círculo Operário Passofundense, situado na Av. Brasil, esq. R. Marcelino Ramos, reuniram-se os fundadores do Centro de Tradições Gaúchas de Passo Fundo, sob a presidência do jornalista Múcio de Castro, com a seguinte ordem do dia:

- a) Eleição da primeira Diretoria do C.T.G;
- b) apresentação do Projeto dos Estatutos do mesmo C.T.G;
- c) leitura das duas atas das sessões preliminares realizadas.

Inicialmente foram lidas pelo Secretário Provisório, Emilio - da Silva Quadros, as duas atas e o Projeto dos Estatutos, detendo-se após em explanações concernentes à organização do Centro.

A seguir, procedeu-se a escolha da primeira Diretoria ou Patronagem do CTG que, a Comissão Provisória já declarara oficialmente fundado, tendo sido eleita, por aclamação e sob os aplausos gerais dos presentes, a seguinte Diretoria ou Patronagem:

Presidente ou Patrão: Múcio de Castro;
Vice-Presidente ou Capataz: Carlos Soares Moreira;
2º Vice-Presidente ou 2º Capataz: Falbo Pimentel;
1º Secretário: Ney Vaz da Silva;
2º Secretário: Emilio da Silva Quadros;
1º Tesoureiro: Conrado Augusto Hessel;
2º Tesoureiro: Antenor Gomes Vidal.

Patrão do Centro:

Estanislau de Barros Miranda: Alcunha: L A L A U M I R A N D A.

Conselho Fiscal:

Ricardo Ricco, Dr. Antônio Marinho de Albuquerque, Arthur Lângaro, Teodoro dos Santos Moura, Cirne Pinto Lima, Edmundo Fioravante Pereira, Gil Monteiro, Anísio Silva, Juliano Poletto, Euclides de Moura Filho, Bráulio de Senna, Celso Fernandes e Admar Lucas de Almeida.

Patrões de Honra:

Dr. Antonio Donin - professor e jornalista;
Dr. Antonio Carlos Machado - advogado, escritor e jornalista;
Manoelito de Ornellas - escritor;
Francisco Antonio Xavier e Oliveira - historiador e escritor;
Heitor Saldanha - escritor e poeta;
Dr. Daniel Dipp - advogado e Prefeito Municipal;
Dr. Aquelino Translatti - advogado e Pres. da Câmara de Vereadores.

Bibliotecário: Raul Lângaro;

Órador: Prof. Sabino Santos;

Consultores Jurídicos:

e Mario Hoppe.

Conselho Cultural e Artístico:

Gomercindo dos Reis, José Pain Brites, Jovino Silva, Rvdº Sadi Machado, Arthur Sussenbach, Jorge Edetho Cafruni, Fredolin Pain, Paulo Rien, Serafin Peixoto de Magalhães, Srta. Carl Pain Brites, Srta. Nira Worm dos Reis, Sra. Albertina Machado Rosado, André Pithan, Deoclides Gudolle, Sra. Iracema Sailles, Alencar Pacheco de Lima, Setembrino R. da Silva, Alfredo Custódio, Orlando L. de Quadros, José Lamaison Porto, Daniel Csamanski e Srta. Flora Machado Fagundes.

O Presidente eleito, Sr. Múcio de Castro, que se havia retirado do recinto para comparecer à Assembléia Geral que se realizava no Aéreo Clube Local, foi recebido, em sua volta, na Assembléia com uma calorosa salva de palmas, sendo empossado pelo Conselho Fiscal recém eleito.

- continua no verso -

- continuação do anverso -

Reassumindo a presidência dos trabalhos, o Patrão empossado, Múcio de Castro, pronunciou aplaudido discurso de saudação aos seus consórcios e companheiros de diretoria, agradecendo, ao mesmo tempo, a distinção que lhe conferiram para dirigir os destinos do C.T.G. de Passo Fundo, fundado num esforço conjunto de uma equipe de tradicionalistas.

Após, despediram-se os músicos Orlando e Alfredinho, cujos números musicais, tanto abrilhantaram a sessão, tendo o Presidente agradecido a sua eficiente colaboração.

Encerrando os trabalhos, usou da palavra o professor Sabino Santos, orador oficial, que, em belo improviso, saudou o Patrão e demais companheiros, ressaltando a feliz escolha obtida pela Assembléia Geral, merecendo seu magnífico improviso entusiásticos aplausos de todos os presentes.

Assim foi encerrada a sessão, continuando a reunião em ambiente realmente festivo, com músicas, trovas, poesias e cantos gauchescos que encheram de alegria e entusiasmo os fundadores do C.T.G. Lalaú Miranda.

A Ata de Fundação, foi aqui reconstituída, em 22.10.79, com base em dados verossímeis publicados em "O NACIONAL", na sua edição de 25.03.52, conforme fotocópia anexa, em virtude de ter sido extraviado o primeiro livro de atas deste CTG. A presente Ata será assinada por mim, 2º Sota Capataz eleito para o biênio 78/80 e pelos sócios fundadores remanescentes que residem em Passo Fundo(RS), pelo Patrão e Exes. do Conselho de Vaqueanos da atual Patronagem:

Honorário Gasparetto-2º Sota-Capataz
que reconstituiu a Ata.

Elyur J. Resonke - Patrão-atual
Nelson Petry
Nelson Petry - Pres. do Cons. Vaqueanos - atual-

FUNDADORES OU SÓCIOS FUNDADORES:

Múcio de Castro
Múcio de Castro: 1º Patrão

Antônio Donnin
Dr. Antônio Donnin-Patrão de Honra.

Ney Vaz da Silva
Ney Vaz da Silva: 1º Secre.

Daniel Dipp - Patrão de Honra.

Conrado Augusto Hengel - 1º Tesoureiro

Raul Langaro - Bibliotecário

Dr. Ney Menna Barreto - 1º Consultor Jurídico

Antenor Gomes Vidal *
Arthur Sussenbach
Carlos Soares Moreira
Djalma Cúrio de Carvâlio
Emílio da Silva Quadros
Fausto Pimentel
Francisco A.X. de Oliveira
Gil Monteiro
Governando dos Reis
Iora Dalle Aste
Irocema Salles
Izaltino Barros Miranda
Jorge Edethe Cafruni
José Pain Brites
Jovino Silva
Mário Daniel Hoppe
Pedro P. Couto
Salino Santos
Sacy Machado da Silva
Valmiro Amado.

Dr. Celso da Cunha Fiori

Juliano Poletto - Cons. Fiscal.

Tereyvo dos S. Moura - Cons. Fiscal

Sepembriano R. da Silva - Cons. Fiscal

Greg Salles - Posteiro das Danças

Dr. Mário Daniel Hoppe

Iora Dalle Aste

Na reunião de Assembleia Geral Extraordinária do dia 27 de junho de **1952**, realizada na Agência da G.M.C. foi planejada a programação radiofônica tradicionalista a ser levada ao ar na Rádio Passo Fundo, organizada pela Comissão Artística e Cultural, presidida por Gomercindo dos Reis e José Pain Brites. Na mesma ocasião foi incluído como peão do CTG Lalau Miranda, o prefeito de Santa Maria, tenente Heitor Campos.

Também nesta data foi longamente debatida a construção do "Rancho da Estância", hoje Galpão Crioulo, em terreno que já havia sido designado pela Prefeitura Municipal, nas proximidades do Rio Passo Fundo.

A PRIMEIRA SEMANA FARROUPILHAIM PASSO FUNDO

A origem da semana farroupilha na cidade de Passo Fundo teve como marco uma sessão cívica realizada no Clube Comercial, no dia 20 de setembro de 1952, às 15:30 horas.

O salão de festas se achava artisticamente ornamentado pelos peões e prendas do novo e promissor Centro de Tradições Gaúchas da cidade, o CTG LALAU MIRANDA.

Além da presença dos tradicionalistas, na época eram chamados de centristas, e suas famílias, além do povo em geral, achavam-se presentes as mais altas autoridades constituídas do Município, o senhor Isaltino de Barros Miranda, representando a família do saudoso Lalau Miranda, o ilustre confrade, como eram chamados naquele tempo os sócios de honra, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, entre outras personalidades.

Depois da palavra do patrão Múcio de Castro, tiveram início as apresentações artísticas, antecedidas que foram pelo Hino Nacional, executado pela Banda de Música do 3º RCBM.

Foram 16 apresentações de arte gaúcha, entre elas, poesias, cantos, músicas, destacando as interpretações de Ivo Paim no violão e Iraí Varella na acordeona que tocaram "Pericon na Fronteira" e "Cavalo Preto". As alunas da Escola Normal Osvaldo Cruz apresentaram um trabalho literário sobre a história gaúcha, e o professor Jorge E. Cafruni leu

aplaudida conferência regionalista sob o tema "O Gaúcho, um legado do índio cavaleiro".

Destaque, também para os membros da patronagem Daniel Czamanski, diretor da Czamanski Films, proprietário da Foto Moderna, que apanhou sugestivos flagrantes.



**Figura 12 O CTG Lalau Miranda sempre foi destaque nos desfiles do dia 20 de Setembro.
A graça e a beleza das prendas e peões do CTG Lalau Miranda.**



Figura 13 Programa de Rádio no antigo galpão. Apresentador Sr. NELSON PETRY e o Sr. Francisco de Quadros, um dos grandes colaboradores do CTG Lalau Miranda.

A Rádio Passo Fundo, na palavra do locutor Gildo Flores, irradiou toda a solenidade e o programa executado.



Figura 14 A Invernada de Dança dançando a quadrilha em dia de fandango na década de 50.

CONGRESSO DE PELOTAS

No dia 18 de dezembro de 1952 o CTG LALAU MIRANDA se faz presente, a convite da União Gaúcha J. Simões Lopes Neto, da cidade de Pelotas, a fim de fundar a Federação das Entidades Tradicionalistas do Estado, que mais tarde, viria a ser denominado de Movimento Tradicionalista Gaúcho-MTG. Representou o CTG LALAU MIRANDA o Patrão Múcio de Castro que levou consigo teses elaboradas pelos passofundenses Dr. Moisés M. Ribas, Arthur Süssenbach e José Paim Brites. O CTG LALAU MIRANDA levou sugestões para adaptação dos Estatutos do "35CTG" de Porto Alegre.

ESTANISLAU DE BARROS MIRANDA É HOMENAGEADO

No dia de Finados do ano de 1952, por iniciativa do patrão Múcio de Castro, foi feita uma romaria ao túmulo do patrono do CTG, saudoso gaúcho LALAU MIRANDA, no cemitério da Vera Cruz, cujo falecimento ocorreu no ano de 1916. A família do homenageado foi representada por seu genro, Sr. Aristóteles Lima, tendo comparecido diversos agregados, peões e prendas. Na ocasião o Rev. Sady Machado, na qualidade de peão do CTG pronunciou, de improviso, vibrante e inspirado discurso em homenagem à memória de Lala Miranda.

SEGUNDA PATRONAGEM DO CTG LALAU MIRANDA

Em 8 de março de 1953, o Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda em assembleia geral ordinária, foi eleita a segunda patronagem e o conselho de vaqueanos para o período de 24 de março de 1953 a 24 de março de 1954. Realizada a eleição, foram proclamados os eleitos: Patrão - Múcio de Castro (reeleito); Capataz: Ney Vaz da Silva; o Conselho de Vaqueanos era formado pelos seguintes senhores: José Joaquim Gonçalves Vargas, Cap. Alfredo Rosa Prestes e Carlos Soares Moreira; como suplentes; Falbo Pimentel, Dr. Celso Fiori, Conrado Hexsel, Inocêncio Pinto, Djalmo Curio de Carvalho e Rev. Sady Machado da Silva. A Invernada Cultural ficou sob a coordenação do posteiro Rev. Sady Machado da Silva. A Invernada Cultural ficou sob a coordenação do posteiro Rev. Lady Machado da Silva. A Invernada da Artística era dirigida pelo posteiro José Paim Brites; tendo como diretor musical, Ivo Paim, diretor de danças regionais D. Zaida Duarte e de teatro Srta. Flora Machado Fagundes. A Invernada Campeira tinha como posteiro o tradicionalista Valmiro Amado e como auxiliares Cirne Pinto Lima e Gonorvan de Almeida Guedes. A Invernada de Divulgação: posteira D. Iracema Salles; diretor de serviços de informações: Jorge E. Cafruni; diretor de divulgação: Wilson Correa Garay e auxiliares José Lamaison Porto e Emílio da Silva Quadros. A Invernada do Museu ficou a cargo de Gomercindo dos Reis, Tenebro dos Santos Moura e como oradores oficiais o Dr. Ney Menna Barreto e o Prof. Sabino Santos.



Figura 15 Uma das memoráveis festas de posse da Patronagem do CTG Lalau Miranda – no centro, de pé Múcio de Castro, 1º Patrão.

A HÍPICA DO CTG LALAU MIRANDA

Como se costumava ouvir, "as festas grandes do gaúcho era o cotejo da cancha reta". O CTG LALAU MIRANDA não estaria completo se não organizasse um lugar para os tradicionalistas colocarem seus parceiros em cotejo. Para isso, foi designada uma comissão, composta dos tradicionalistas Gonorvam Almeida Guedes, Miguel G. de Lima e Moacir da Motta Fortes, afim de tomarem contato com os carreiristas do município de Passo Fundo, no sentido de colaborarem com a Invernada Hípica do CTG. Foi elaborada uma lista de carreiristas e convocados pela imprensa local.



Figura 16 Inauguração da Hípica do CTG Lalau Miranda - Vila Vera Cruz, nesta cidade - 27/01/1963.

Mais tarde, o CTG LALAU MIRANDA recebeu um ofício que levou o nº 1285 do Sr. Prefeito Municipal, Wolmar Antônio Salton, dando ciência à Patronagem do Centro, da consecução de uma gleba de terra, para que o CTG LALAU MIRANDA construa sua cancha de carreira. Dizia o ofício que "o referido imóvel está situado na vila Vera Cruz". A Lei que concedeu o imóvel referido leva o nº 679, de 14 de maio de 1956, já referendado pela Câmara de Vereadores.

Até hoje, o esporte da carreira, corrida de cavalo em cancha reta, continua a ser realizado no mesmo local, hoje denominado de Vila Hípica, que marcou época com grandes carreiradas, com largadas e pingos em disparadas, levantando muita poeira.

A PRIMEIRA EXCURSÃO DO CTG

O Sr. Ney Vaz da Silva era Agregado - secretário do CTG Lalau Miranda reeleito com o Patrão Múcio de Castro para o período 1954/55, quando o Centro foi convidado pela Presidência da Festa Nacional do Milho realizada na cidade de Santa Rosa, em 1954. Como o Patrão, Múcio de Castro deveria se ausentar da cidade, por motivos de ordem particular, o Sr. Ney Vaz da Silva foi designado pelo Patrão, para chefiar a delegação do CTG LALAU MIRANDA, na viagem à cidade de Santa Rosa. Foi a primeira excursão das invernadas artística e campeira e a primeira apresentação fora de Passo Fundo.

Conforme depoimento do Sr. Ney Vaz da Silva, o CTG LALAU MIRANDA já começou fazendo sucesso com apresentações da Invernada de dança e da Invernada de doma, como era chamada esta última. Embora a delegação não tivesse a intenção de apresentar peças teatrais, a pedido dos organizadores da Festa Nacional do Milho, as prendas e os peões improvisaram duas peças que acabaram fazendo sucesso.

O General Brochado da Rocha, representante do Exmo. Sr. Presidente da República, na Festa Nacional do Milho, entusiasticamente aplaudiu a delegação do CTG LALAU MIRANDA e, de volta ao Rio de Janeiro, então capital da República, sugeriu ao diretor da Rádio Nacional, Renato Murse que patrocinasse a ida do CTG LALAU MIRANDA ao Rio de Janeiro para se apresentar no programa "Papel Carbono" da Rádio Nacional e para outras entidades da Capital.

Logo em seguida, o diretor da Rádio Nacional estava na cidade de Passo Fundo para selecionar um grupo de prendas 7 peões a fim de se apresentarem na cidade do Rio de Janeiro.

FESTA GAÚCHA PARA OS CARIOCAS

Informado por uma carta, enviada por Gonorvam Guedes, membro da patronagem do CTG LALAU MIRANDA, Renato Murse, Diretor da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, veio a Passo Fundo, acompanhado da cantora Angela Maria, para conhecer melhor o grupo artístico, já

mencionado pelo General Brochado da Rocha.

Após oito meses de tentativas para conseguir o patrocínio, transporte e garantir a estada da delegação, o CTG LALAU MIRANDA embarcou, de avião, rumo à capital do Brasil, na época Rio de Janeiro, para se apresentar na maior emissora de rádio do Brasil: A Rádio Nacional e no maior programa de calouros, chamado "Papel Carbono", comandado por Renato Murse.

O espetáculo do CTG LALAU MIRANDA começava com as apresentações das prendas e dos peões, entrando em cena, para o grande quadro "Negrinho do Pastoreio", número que, por si só, era um espetáculo, dizia a imprensa do Rio de Janeiro.

As moças e os rapazes trajavam a caráter, com o seu símbolo e a tradicional Bandeira Farroupilha. A seguir, vinham as danças e a música tipicamente do Rio Grande do Sul: chimarrita, maçanico, chula, pezinho, tirana, culminando com a dança "pau de fita", que os cariocas gostaram muito.

Havia números isolados apresentados por Orlando, Osvaldinho, Iraí Varella e Setembrino, repentistas que conquistaram todas as plateias com suas provocações. Destaque, também para Ivo Paim e Tenebro dos Santos Moura no violão. Se apresentaram também, com destaque José Duarte, Dolores Martins, Zaida Nunes.



Figura 17 Apresentação do CTG Lalau Miranda no Programa “Papel Carbono”, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, em 26/07/1954. (Orlando e Alfredino - gaita e violão).

Pôrto Alegre, 15 de Outubro de 1957

Ao
Centro de Tradições Gaúchas
"Lalau Miranda"
Passo Fundo

Prezados Senhores;-

Temos a satisfação de passar às
mãos de Vv.Ss. uma fotografia tomada por ocasião
da audição especial do "Grande Rodeio Coringa", em
22 do corrente, no qual contamos com a presença da
Srta. Marlene Paim e seu progenitor, cuja simpática
participação contribuiu para o maior brilhantismo
do mesmo programa.

Agradecendo a valiosa participa
ção de ambos os representantes desse prestigioso
Centro de Tradições, contamos continuar registra
ndo tão honrosa presença nessas audições de nosso
patrocínio e aproveitamos a oportunidade para nos
subscrever

Com
muito cordialmente
SÃO PAULO ALPARGATAS S. A.
Chefe Nacional - Rádio Sul

Figura 18



Figura 19 A esquerda Darcy Fagundes apresentador do Programa Tradicionalista “Grande Rodeio Coringa” - na Rádio Farroupilha, em Porto Alegre.

Tratava-se de quarenta artistas amadores, homens e mulheres, de várias idades e profissões que, sob o denominador comum dos pensadores artísticos e arraigado gosto pelos costumes tradicionais do Rio Grande do Sul, em dois anos de apresentações regionais foram unindo o sentimento nativo.

No final, a imprensa do Rio de Janeiro dizia: "Despertou interesse e obteve sucesso o grupo de amadores do conjunto folclórico LALAU MIRANDA, na Rádio Nacional, Teatro João Caetano, Automóvel Clube dos Suboficiais da Aeronáutica e Fluminense Futebol Club".

Uma revista dizia: “Realmente, digno de ser ouvido e, principalmente visto, o CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS LALAU MIRANDA de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, que deu um grande exemplo de brasilidade”.

FOMOS UMA ESPÉCIE DE EMBAIXADORES

O CTG LALAU MIRANDA, durante toda a sua trajetória, em prol das tradições do Rio Grande, sempre estabeleceu um laço de ajuda às comunas rio-grandenses e de fora do solo gaúcho. Os convites que recebia o CTG LALAU MIRANDA para se apresentar ao povo das

comunidades, geralmente, viam através dos prefeitos municipais. Havia uma comunicação entre os prefeitos, para chegar ao CTG LALAU MIRANDA, que se tornava assim, uma espécie de embaixador de Passo Fundo e, porque não dizer, também do Rio Grande do Sul, quando atravessava as fronteiras do Estado.



Figura 20 As Invernadas de Dança e de Músicos do CTG Lalau Miranda se apresentando na Televisão Piratini, em Porto Alegre, em 1967. A Invernada dos Músicos era composta por Ivinho Stefani, Luiz Feldman, Rancho Velho, Menna Barreto, o popular Cruzeiro e Rômulo Goelzer.

Este ofício do Prefeito da cidade de Corbéia, Estado do Paraná, enviado ao Prefeito de Passo Fundo, Guaraci Barroso Marinho, representa um dos inúmeros ofícios registrados nos arquivos do LALAU MIRANDA.

O Prefeito Mário Menegaz, em 1966, reconhecia os serviços prestados pelo CTG LALAU MIRANDA divulgando a cidade e sua gente, através do Pergaminho Honorífico.

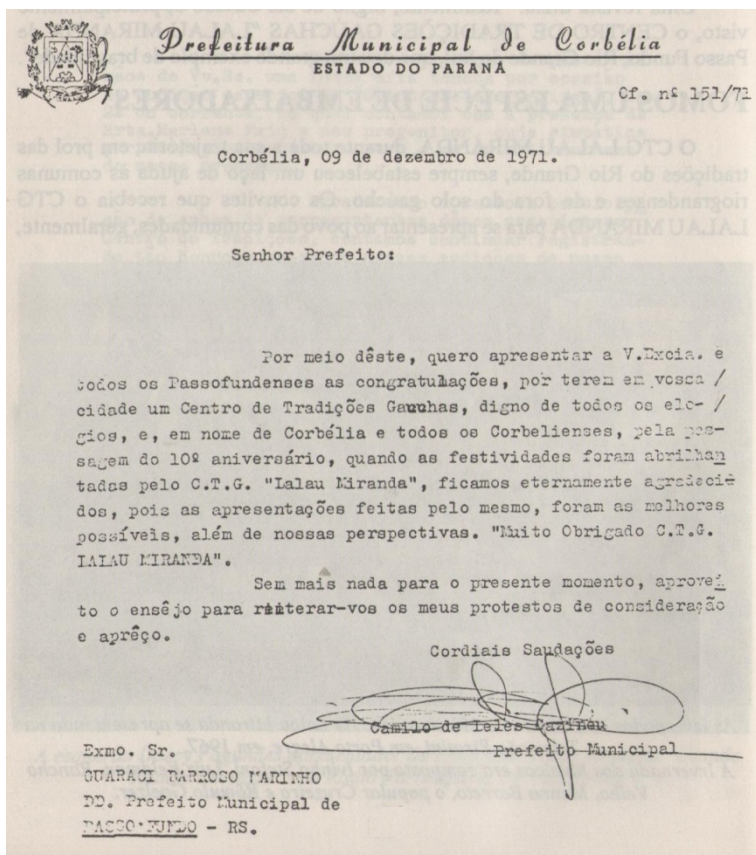


Figura 21

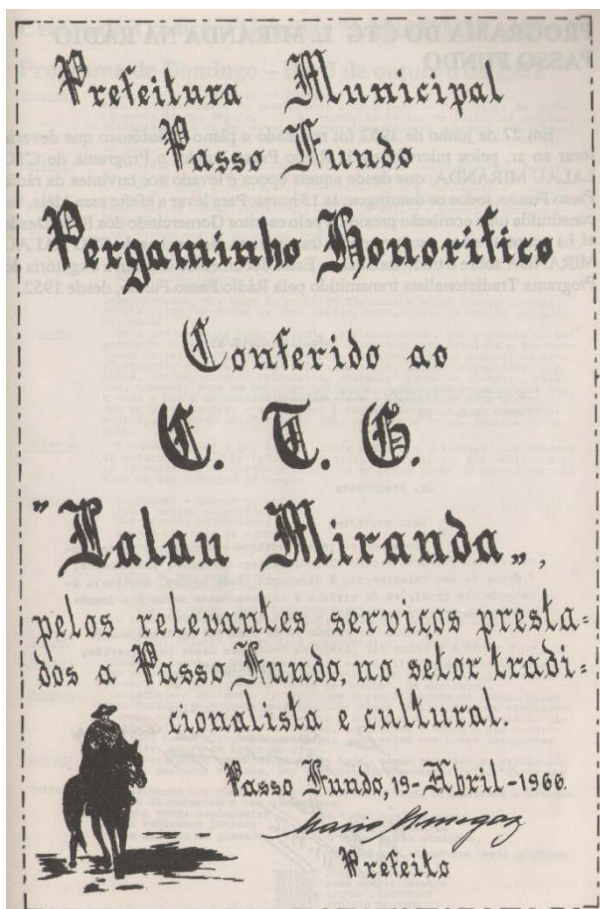


Figura 22

PROGRAMA DO CTG L.MIRANDA NA RÁDIO PASSO FUNDO

Em 27 de junho de 1952 foi realizado o plano radiofônico que deveria levar ao ar, pelos microfones da Rádio Passo Fundo, o Programa do CTG LALAU MIRANDA, que desde aquela época é levado aos ouvintes da rádio Passo Fundo, todos os domingos, às 13 horas. Para levar a efeito essa ideia, foi constituída uma comissão presidida pelo escritor Gomercindo dos Reis. Desde aí, há quarenta anos, este programa transmite as mensagens do CTG LALAU MIRANDA sobre o tradicionalismo. Estes documentos atestam a trajetória do Programa Tradicionalista transmitido pela Rádio Passo Fundo, desde 1952.

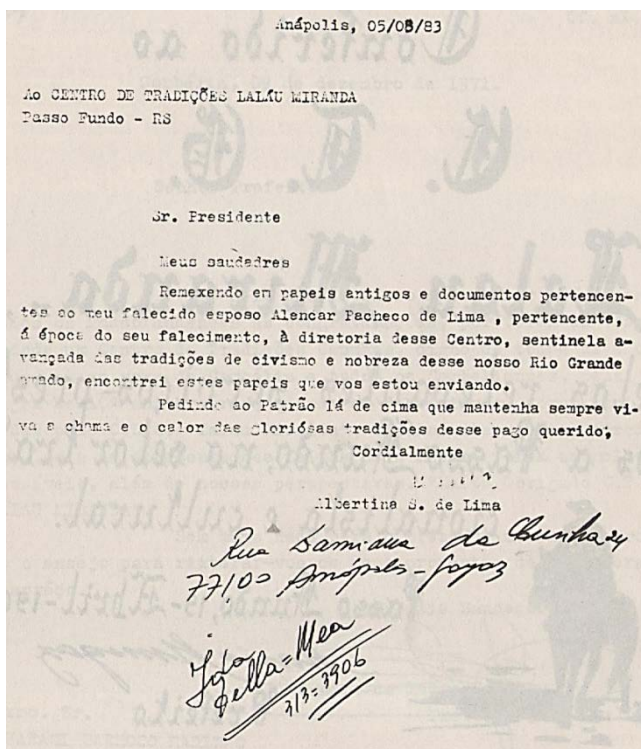


Figura 23

Centro de Tradições Gaúchas "LALAU MIRANDA"

Programa de Domingo – Dia 5 de outubro de 1952

Valença: Buenas tardes, gauchada do Flanalto!
Falando diretamente do rancho onde arde o fogo da recordação da heróica gente do Rio Grande, a peonada do Centro de Tradições Gaúchas, dando expansão ao seu arraigado amor às coisas da querência, leva mais uma vez aos céus do Flanalto a sua palavra de fé nos destinos desta raça.

Arthur: Encorodando a série de homenagens a que nos comprometimos prestar aos vultos que mais se salientaram no passado desta terra, dedicamos a ronda de hoje à memória das seguintes figuras: Dr. Benedito L. da Silva Acaua, Dr. Jose Ferreira Hobre Formiga, Possidônio Vargas, Artur M. Francisco do Amaral Monteiro, João Jacob Møller e Jerônimo Savignone Marques.

Brites: "As minhas noites de gausca bruto,
Luito mais largas do que as minhas penas
Noites amargas,
Quando serenas,
Não são tão largas,
Quando te escuto."

Arthur: Gene, cordeona, nas mãos do gaiteiro Eleodoro e solta com sentimento a bonita valsa "Saudades de Ouro Iróto", acompanhada ao violão por Luís Feldmann!

Para que possamos levar adiante esta campanha, que consiste na organização de galpão do nosso Centro, depósito da tradição e dos costumes do fago, pedimos a colaboração de todos vós que possuís trastes tipicamente regionais, como sejam: chilenas, laços, bolandeiras, pistolas, adagas, mangos, relhadores, pelegos, couros de ternoiro, estritos, tremes, todo e qualquer baduque, enfim, que se relacione com a vida e com a indumentária do campeiro e que bondosamente queiramos dar ao nosso Centro. – As doações podem ser enviadas para o seguinte endereço: Avenida Gal. Netto, nº 391, escritório do sr. Governador dos Reis.

Valença: E vamos escutar o seu doutor Loisés Ribas que vai dizer umas quadras de autoria do peão de Paiz, intituladas "Ródio", que são dedicadas ao trovador Abílio Jardim e Silva, ao sr. Arlindo Pinto da Rocha, por motivo de sua contagem de tempo.

Brites: "Cordeona! – Quando te escuto
pelas noites silenciosas,
nas tonadas harmoniosas
que do teu bojo se expande,
escuto a voz do Rio Grande,
chegando o fim de uma rap!
Então – cordeona, – perpassa
veloz em meu pensamento,
o que recordo ao lamento
da tua triste carcassa."

Fala, cordeona! dedilhada com maestria pelo nosso gaiteiro Eleodoro Nunes que, acompanhado de Luís Feldmann, deleitara a gauchada que nos ouve, com a havangira "Churrasco".

Brites: Já dai, Piloto! Já pra fora, pulgento!... (Rielinho)

Arthur: Vamos apresentar pela primeira vez aos gentis ouvintes desta simpática emissora, o poeta-trovador gaudeiro e sem querência, Athias Eitencourt, que interpretará "Sonho de Gaucho", de sua lavra.

Valença: Companheiros do Centro de Tradições e simpatizantes da prenda Teresinha Canfil da Silva! For iniciativa deste Centro surgiu a candidatura desta nossa valiosa colaboradora à Soberana do Clube Caixaerial. Expirando hoje o prazo para a votação, concitamos a todos a que contribuam para a sua vitória, depositando seus votos nas urnas existentes na cidade, antes da apuração final.

Arthur: Como derivadeira marca da ronda de hoje, vamos recordar as velhas músicas do passado, ouvindo, por execução de Eleodoro e Luís, "Chote de Caycdo".

Brites: E fechando com chave de ouro a charla de hoje, agradeçamos a atenção que nos dispensaram e nos despedimos:

Nesta ronda domingueira A todos que escutaram
Que dedicamos inteira E nela colaboraram
Aos gaúchos do passado, O nosso muito obrigado.

Atuaram como animadores neste programa:

Arthur: José Faím Brites
Brites: José Onofre Valeça
Valença: Arthur Stassenbach
Arthur: Bráulio de Sena

Figura 24



Figura 25 No microfone o poeta Tenebro dos Santos Moura, um dos fundadores do CTG LALAU MIRANDA, declamando no Programa Tradicionalista da Rádio Passo Fundo.

PREOCUPAÇÃO NA APRESENTAÇÃO DAS DANÇAS

O CTG Lalau Miranda, desde os tempos da sua fundação, preocupa-se com a qualidade das suas apresentações, enquanto arte folclórica. Por isso, as patronagens nunca se descuidaram e nem mediram esforços no sentido de apoiar a Invernada artística.

O posteiro dessa Invernada sempre foi escolhido com muito cuidado. Nos primeiros anos do LALAU MIRANDA, a Invernada artística englobava o teatro, a declamação, as trovas dos repentistas, a poesia, e até as atividades campeiras. Tudo era arte. Envolveria os tocadores de acordeom, gaita de botão, violinistas, etc.



Figura 26 Conrado Wolfe esposa, casal coordenador do Grupo de Danças e Patrão do CTG LALAU Miranda no ano de 1975.

Ramente De Cézar e Ivo Paim eram os grandes comandantes das prendas e dos peões e o CTG LALAU MIRANDA era uma verdadeira escola de tradicionalismo, de danças gaúchas e inspirou a formação de muitos CTGs e muitos grupos folclóricos, hoje existentes na região do Planalto Médio.

A sustentação, a base desse trabalho inspirou-se na vontade de bem representar Passo Fundo e o Rio Grande do Sul, onde quer que os peões e as prendas do CTG LALAU MIRANDA se apresentassem.

Para bem começar, a patronagem do CTG fez um convite para o CTG "35" de Porto Alegre para vir a Passo Fundo ensinar as danças. Vieram os peões Antônio Augusto Fagundes e Antônio Augusto Ferreira.

Este era o elenco de danças que a Invernada Artística apresentava, sob o comando de Ivo Paim, em 1958:



CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS "LALAU MIRANDA"

PASSO FUNDO – RIO GRANDE DO SUL
(FUNDADO EM 24 DE MARÇO DE 1952)

Passo Fundo, 20 de Outubro de 1958.

"EM QUALQUER CASO, SEMPRE SAÍMOS
PELO BEM DO BRASIL"

Relação das "Danças Folclóricas" que poderão ser apresentadas pelo conjunto de danças, para qualquer plateia:...

- 1º..... CHIMARRITA
- 2º..... MACANICO
- 3º..... CARRANGUEJO
- 4º..... CANA VERDE
- 5º..... SCHOTE DE QUATRO PASSOS (SCHOTE INGLÊS)
- 6º..... SARRABALHO (Dança recolhida da região de "SISPLATINA")
- 7º..... PONTA E TÁCO (POPURY DE SCHOTES...DE PAIXÃO CÔRDES)
- 8º..... RILC
- 9º..... VANÊRA SIMPLES
- 10º..... VANÊRA MARCADA
- 11º..... VALSA DE CADENA (DANÇA RECOLHIDA NA REGIÃO DA SISPLATINA)
- 12º..... DANÇA DO PACÃO (DANÇA RECOLHIDA NO MUNICÍPIO DE VACARIA.
- 13º..... DANÇAS DAS FITAS (DANÇA UNIVERSAL)
- 14º..... QUADRILHA (DANÇA DE ORIGEM FRANCESA
- 15º..... NO BOM DO BAILE (SCHOTES ESTILIZADO)
- 16º..... PERICON (DANÇA URUGUAYA)

= DANÇAS SAPATEADAS =

- 17º..... TIRANA DO OMBRO
- 18º..... TIRANA DO LUNGO
- 19º..... TIRANA CHARRIÁ
- 20º..... CHIMARRITA BALÃO
- 21º..... TATU NOVO
- 22º..... TATU DA RÓDA
- 23º..... BALAIO
- 24º..... ROSEIRA
- 25º..... DANÇÃO
- 26º..... LORENÇITA (DANÇA ARGENTINA)
- 27º..... ANU
- 28º..... ELGATO (DANÇA DE ORIGEM ARGENTINA)
- 29º..... SQUILA
- 30º..... RANCHIIRA DE CARRERINHA
- 31º..... QUERO-MANA

Ivo Paim - Diretor da Invernada Artística do C.T.G.

O primeiro disto C.T.G. o nomeado gaúcho ESTANISLAU DE BARROS MIRANDA (Lalau Miranda), era uma personalidade de excel. tendo dedicado toda sua existência ao país natal, neste município, no histórico distrito de Caibla. Era um homem «pauca» que soube amar a herança e a «sua» com carinho pelas tradições dos pais. Dançou na acção de Ilum., logo a suas plateias, com toda a elegância, assemelha «dificuldades de Buenos, Valência e Londres».

TIPOGRAFIA INDEPENDÊNCIA – PASSO FUNDO 612 1957

Figura 27



Figura 28 Peões e prendas do CTG “LALAU MIRANDA”, dançando o “CARANGUEJO” por ocasião do Grande Rodeio na cidade de Curitiba-PR em 4 de setembro de 1955.

O LALAU MIRANDA E OS EVENTOSTRADICIONALISTAS

O CTG LALAU MIRANDA, desde os primórdios da organização do Movimento Tradicionalista Gaúcho, sempre procurou se fazer presente em todos os eventos, seja num Congresso, Convenção, Encontro de Patrões, Rodeios e festas campeiras como as realizadas por piquetes e quadros de laçadores. Sempre o CTG lá está para prestigiar as entidades filiadas ao MTG.

Quando, em princípios de 1954, a comissão para organizar o I Congresso Tradicionalista que deveria se realizar na cidade de Santa Maria, constituída pelo "35", os escritores Manoelito de Ornellas, Walter Spalding, pela União Gaúcha e pelo CTG Ponche Verde, o CTG LALAU MIRANDA assinava uma mensagem, pelo sota- capataz Pedro Pelegrinetti Couto, dizendo à Comissão: "Também daqui do Planalto queremos entusiasticamente juntar o nosso brado pela realização do Congresso Tradicionalista, de onde sairá uma futura Federação, que supervisionará as atividades de todos os centros espalhados por este Rio Grande". Nesse primeiro Congresso Tradicionalista Gaúcho realizado na cidade de Santa Maria de 2 a 4 de junho de 1954, a jovem escritora Thereza de Almeida, do CTG LALAU MIRANDA se destacou nas plenárias do Congresso, juntamente com nomes exponenciais do tradicionalismo como Lauro Rodrigues, Paixão Cortes, entre tantas outras figuras importantes como o deputado Federal Rui Ramos e o professor Hugo Muxfeldt, bem como o líder universitário Getúlio Marcantônio. Eis alguns diplomas, dentre as dezenas, conferidos ao CTG LALAU MIRANDA na sua trajetória, como um dos legítimos defensores das tradições do Rio Grande do Sul:



Figura 29



Figura 30 O Patrão do CTG LALAU MIRANDA, João Nunes, ladeado por Guilherme Schlutz Filho e Glaucus Saraiva, na VI Convenção da Coord. em Cruz Alta.

CTG LALAU MIRANDA NA XII EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA DE DOURADOS

"Atrações máximas da XII Exposição e dos festejos: O Centro de Tradições LALAU MIRANDA, de Passo Fundo, Estado do Rio Grande do Sul e o desfile"... Assim dizia a imprensa de Dourados, em 1965. O CTG LALAU MIRANDA arrancou entusiásticos aplausos da assistência que admirou as magníficas danças do folclore gaúcho, comenta a Revista

ZEBU, especializada em assuntos agropecuários.

A caravana do CTG Lalau Miranda, representando os gaúchos no longínquo Estado de Mato Grosso era assim constituída:

Fidêncio Franciosi (Patrão), Dr. Manoel Portela, Ramente De César. Os acordeonistas: Argemiro Oliveira, Plínio Menna Barreto, Antônio Martins, Néelson R. Goelzer, Adelino Matte, Pedrinho Vieira e Heleodoro Paim Nunes. Violinistas: Juventino Silva; Trovador: João Nunes Castanho. Danças Folclóricas e Declamações: Danilo Canfild, Odalgiro Camargo, Anacir Mendes, Décio Martins, Walter Quadros, Roni Peruzzo, Nelson Quadros, Honofre Locatelli, Paulo Bona, senhora Olga Franciosi; Domador: Severino Pacheco e as prendas: Laura Vargas (1ª Prenda), Terezinha De César, Marly Ribeiro, Vera Lucia Weidman, Laurecy Canfild, Suzete Cardoso, Maria Tereza, Dalva Oliveira e Marly Schmidt.



Figura 31 Excursão do Lalau Miranda - DOURADOS 1965. Desfile pelas ruas de Dourado - Mato Grosso. Na foto: Argemiro de Oliveira, Antonio Martins, Ramente de César, Odalgiro Camargo, Fidêncio Franciosi (Patrão), Ivo Paim, Maximino Vieira, Plínio M.Barreto, Paulo Bona, João Castanho e Manoel Portela.

O Patrão Fidêncio Franciosi, que comandou a delegação, disse que foi fretado um avião Douglas, com capacidade para 38 pessoas, com despesas pagas pela Prefeitura daquela cidade, para levar e trazer a delegação do CTG LALAU MIRANDA. Durante as apresentações dos gaúchos de Passo Fundo o comércio fechou e o povo foi para as ruas, declarou o Patrão. Tudo se fazia, naquele tempo, por amor à causa do tradicionalismo. Será porque o processo estava começando, ou porque as pessoas eram outras, sem interesse comercial?

Os gaúchos que tinham saído do Rio Grande para ajudar a desenvolver Mato Grosso do Sul, lá estavam, na cidade de Dourados, para rever seus conterrâneos e abraçar amigos de Passo Fundo. A festa foi muito grande, e muito bonita.

XXII CONGRESSO TRADICIONALISTA GAÚCHO

Conrado Wolff era o Patrão do CTG Lalau Miranda, quando este foi sede do memorável Congresso Tradicionalista Gaúcho, em 1977.

Os tradicionalistas que se espalhavam pelas imediações do Clube Caixeiral, devidamente pilchados, chamavam a atenção das pessoas que passavam pelas ruas da cidade, às 10 horas. O tradicionalista Eluyr Reschke dava conta de que já se encontrava na cidade perto de setecentos tradicionalistas. Presidia o Congresso o saudoso poeta, pesquisador e folclorista Glaucus Saraiva e a Comissão Executiva era capitaneada por Nelson Petry, assessorado pelos tradicionalistas Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e Miguel Lima.

Às 11 horas a sessão 4o Congresso foi interrompida para a recepção ao Governador do Estado Sinval Guazzelli, que participou do almoço com os tradicionalistas no pavilhão de esportes da EFRICA. O primeiro conferencista do Congresso foi o Dr. Mozart Pereira Soares, seguido de Antônio Carlos Machado. Os debates e as teses apresentadas no Congresso foram produtivas os dirigentes do Movimento Tradicionalista e os congressistas se declararam satisfeitos pelos resultados conseguidos.

Dois grandes fandangos foram realizados, durante a realização do Congresso. Um no Clube Caixeiral e outro no CTG LALAU MIRANDA, ambos com o mais absoluto sucesso.

Poetas, músicos, e escritores de renome do Rio Grande do Sul participaram do memorável conclave, que teve a coordenação geral do CTG LALAU MIRANDA e secretariado pelo tradicionalista Honorino Gasparetto, integrante de muitas patronagens do CTG.

Este chasque percorreu o Rio Grande do Sul, chamando os gaúchos e as gaúchas para virem a Passo Fundo:

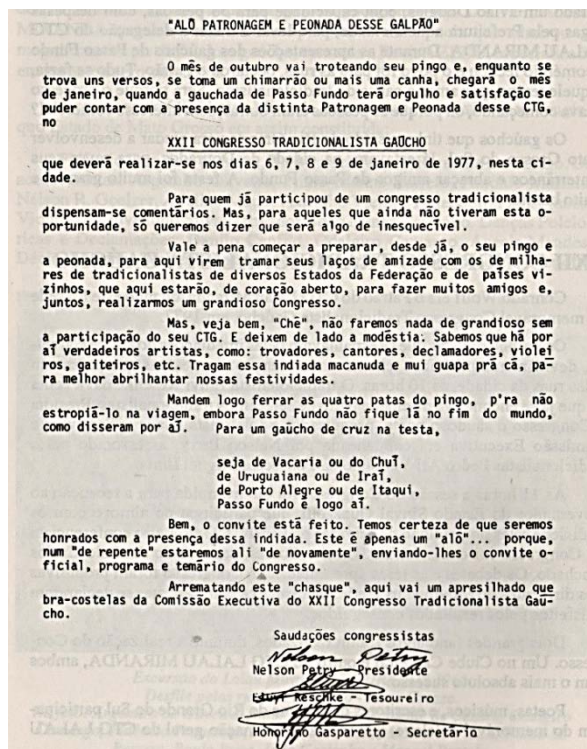


Figura 32



Figura 33 O Lalau Miranda no Rodeio de Vacaria em 1980. Da esquerda para a direita: Em pé: Arlindo Almeida, João Santos, Gilmar Nascimento, Eluyr Reschke (patrão), Carlos Petry, Romeu Machado (Posteiro)), Walter Quadros, Antônio Vianna, Nelson Petry, Elton Mafessoni, Antônio Gaspareto. Sentados: Soniamar Reschke, Mônica Gasparetto, Luciene Sartori, Iramar Reschke, Regina Gasparetto e Ademir Silva.



Figura 34 O êxito do Rodeio deve-se à integração do CTG com a Comunidade e as Instituições.

RODEIO INTERNACIONAL DE PASSO FUNDO

Há muito tempo Passo Fundo era merecedor de um grande rodeio Crioulo, que fizesse jus às tradições do Rio Grande do Sul.

Graças a um bom entendimento entre o empresariado, os tradicionalistas e o poder público municipal, foi possível, solenemente, abrir o I Rodeio que se chamou de I RODEIO NACIONAL DE INTEGRAÇÃO GAÚCHA.

A participação do CTG LALAU MIRANDA foi decisiva para o êxito do primeiro e dos sucessivos rodeios, que hoje se denomina RODEIO INTERNACIONAL DE PASSO FUNDO. A coordenação do I Rodeio ficou a cargo do Ex- Patrão do CTG LALAU MIRANDA, tradicionalista Eluyr Reschke, sendo que a Presidência esteve a cargo do Dr. Flávio Benvegnu, então Secretário de Turismo da Prefeitura Municipal, Sr. Nilo Fernandes, Vice-Presidente, representando a Expositur S/A e o Patrão do CTG LALAU MIRANDA Adão Ferreira do Nascimento.

ERA PRECISO UM NOVO GALPÃO

É o tradicionalista Argemiro Laimer que diz: "Certa feita, estávamos em reunião de patronagem, numa das salas do velho galpão crioulo, quando, de repente, um temporal, com vento, tomou conta da cidade. Não deu nem tempo de proteger os papéis que se espalhavam pela mesa. Tivemos que proteger os documentos do CTG com os nossos casacos, para impedir que eles fossem estragados pela ação da água. Passada a ventania e cessada a chuva, fomos até ao salão onde se realizava os fandangos, para ver os estragos. Mais parecia um lago, do que uma pista de danças. Alguém da patronagem, gritando, chegou a dizer: Vou buscar um anzol para ver se pego algum lambari, que tenha vindo do rio Passo Fundo".

De volta à sala de reuniões, o tradicionalista Argemiro disse que era unânime o conceito de que se fazia necessário construir um novo Galpão, uma vez que o velho já tinha cumprido com sua finalidade e estava em perigo de cair.

Na primeira reunião da patronagem o Argemiro Laimer propôs que deveria ser construído o novo Galpão, porém de alvenaria: "Fui contrariado, porque alguns queriam que se construísse um galpão feito de costaneiras, para conservar a tradição", disse ele. Outros diziam que a construção de alvenaria seria muito caro, a começar pelo projeto arquitetônico. Surgia, daqui e dali, uma série de dificuldades. Foi aí que Argemiro, com muita firmeza, disse: "Se o problema é o projeto, eu faço a doação para o Lalau Miranda". Ao que alguém aparteu: - Mas o projeto é só um papel. De onde vamos tirar o dinheiro para levantar um prédio de alvenaria, se o CTG está sem recursos? Foi aí, disse Argemiro Laimer, que desafiei a patronagem para vender títulos patrimoniais, maneira mais fácil para se levantar um patrimônio social. A partir daí, foi constituída uma comissão pró- construção, formada pelos tradicionalistas Nelson Petry, Adão Ferreira do Nascimento, Luzardo Sartori, Romeu Machado e Argemiro Laimer, capitaneados pelo Patrão da época, Eluyr José Reschke.

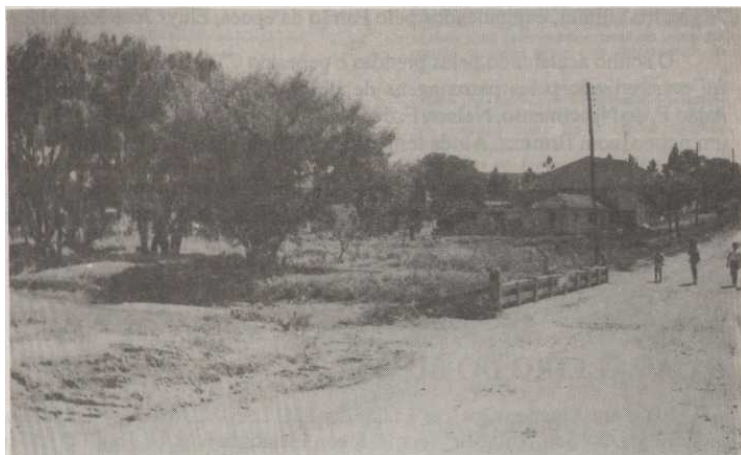


Figura 35 Fundos do velho Galpão do CTG Lalau Miranda. Neste lugar, à margem direita do rio Passo Fundo, foi erguido o majestoso Galpão, que honra as tradições do Rio Grande do Sul (foto tirada em 1976).

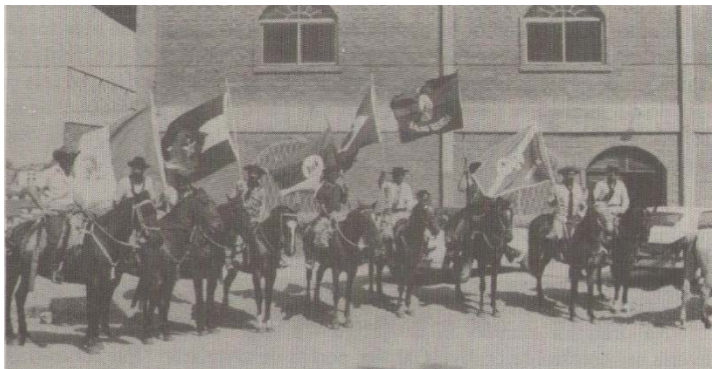


Figura 36 O atual Galpão Crioulo do CTG Lalau Miranda com seus cavalarianos, prontos para mais um desfile de 20 de Setembro.

O sonho acalentado pelas prendas e peões do CTG LALAU MIRANDA foi concretizado pelas patronagens de Eluyr Reschke, Antônio Gasparetto, Adão F. do Nascimento, Nelson F. de Quadros e Antônio Serena. Cada um fez um pouco, com firmeza. Ainda tem alguma coisa a fazer. Outros farão.

O patrão de um CTG não consegue fazer tudo sozinho. Para isso, existem o conselho de vaqueanos, as internadas, os quadros. Todos, juntos, fazem um Centro de Tradições Gaúchas.

Assim é o CTG LALAU MIRANDA.

O CAVALEIRO DO BUTIÁ

Falar em Amadeu Goelzer é falar do CTG LALAU MIRANDA. Eles se confundem. O "Seu Amadeu", como é conhecido da família do CTG Lalau Miranda, sempre desenvolveu atividade constante na difusão e na prática do gauchismo. Sempre está presente em todos os acontecimentos do seu CTG. Em 1966, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Passo

Fundo, no dizer da entidade, “separou dentre a valorosa indiada chucra do pago, o guapo tradicionalista Amadeu Goelzer, classificando-o como Primeiro Peão do Ano.”

Festa do 1º Aniversário de Fundação do CTG Lalau Miranda

Convite endereçado ao Sr. Amadeu Goelzer em março de 1953

CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS **PROGRAMA**

“LALAU MIRANDA”
PASSO FUNDO
FUNDADO A 24 DE MARÇO DE 1952

Passo Fundo, março de 1953.

Ilmo. Sr.
Amadeu Goelzer

Gaúcho Amigo!

Com a coação panteanda que nem pingo fogava em aparte de rodeio, holramos a perna na frente dese rancho hospitaleiro e único para convidar a peonada dessa Estância de Tradições Gaúchas, a nos empregar a sua valiosa ajuda na ronda crioula que faremos realizar nos dias 18 e 19 de abril próximo, quando nossa Fazenda comemorará festivamente o seu 1º aniversário de fundação e em cuja oportunidade daremos posse à sua nova administração.

Contando com a marcante representação de guapos tropeiros dessa consagrada Fazenda, aguardamos com ansiosidade de uns oito dias o vosso pronunciamento com referência ao número de peões e prendas que daí virão, a fim de que possamos providenciar nos respectivos alojamentos.

Mucio de Castro
MUCIO DE CASTRO - PATRÃO

Nei Vaz da Silva
NEY VAZ DA SILVA - ADEREGADO SECRET

IMPORTANTE: Achando-se esta Fazenda ainda no limiar de suas camperadas, não estamos prescitemente «soltadom» a que tudo corra por nossa conta e risco... Nestas condições caberá as representações tradicionalistas que ocorrerem à nossa festa crioula dependerem recursos próprios à sua locomoção e hospedagem.

ANEXO O PROGRAMA

DIA 18 DE ABRIL

- Às 20,00 horas: Grandioso “Rodeio” público, à Praça Mal. Floriano, defronte ao edifício da Rádio Passo Fundo, quando se farão ouvir diversos peões do C.T.G. «Lalau Miranda» - trovas, porfias, cantigas, cancioneto gaúcho, no som de cordeões e violões;
- Às 21,30 horas: no salão do Clube Caixaerial, Cerimônia de Posse da Nova Diretoria do Centro de Tradições Gaúchas «Lalau Miranda» de Passo Fundo, para o período social março de 1953/ março de 1954. O ato será presidido pelo patrão, contando com a presença da peonada e prendas do Centro, bem como de convidados especiais, autoridades civis e militares, representações de entidades tradicionalistas do Estado e muitos outros;
- Às 22,30 horas: no salão de festas do Clube Caixaerial, gentilmente cedido por sua digna diretoria, Grande Baile Gaúcho, apresentando-se todos os centristas trajando a caráter, num ambiente tipicamente «crioulo». Uma orquestra guasca executará músicas puramente regionais.

DIA 19 DE ABRIL

- Às 9,00 horas: Grande Desfile de gaúchos, a cavalo, percorrendo as artérias principais da cidade, conduzindo a Bandeira FaPoupilha. O desfile será puzado por uma banda de clarina do 3º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar;
- Às 12,00 horas: Grande Churrasco em aprazível local situado na Fazenda do 3º R. C. B. M., realizando-se após, uma camperada extensa em que participarão os peões desta e de outras plagas do Rio Grande;
- Os festejos prosseguirão, nesse mesmo local, durante o resto do dia, com a apresentação de danças típicas, músicas regionais, continuando o «arrasta pé» enquanto existir luz do dia no rincão da Fazenda do 3º R. C. ...
- Enceramento dos Festejos - Despedidas, etc.

Figura 37



Figura 38 Amadeu Goelzer, sócio honorário do CTG, recebendo do patrão Antônio Serena o reconhecimento pelos serviços prestados ao tradicionalismo.

O “Seu Amadeu”, tronco de uma das famílias mais tradicionais do Rio Grande do Sul, “os Goelzer”, coleciona tudo o que pode a respeito do CTG LALAU Miranda e do Rio Grande do Sul. Até que as suas forças lhe permitam estar presente em todas as atividades do CTG Lalau Miranda, ele ali estará para colaborar com a grandeza da sua entidade tradicionalista. Hoje, um pouco mais retraído, Seu Amadeu irradia otimismo e bem-estar, quando um gaúcho chega até o seu rancho para tomar um chimarrão, e falar sobre o seu CTG.

Abaixo, uma cópia do convite para o primeiro fandango organizado pelo CTG LALAU MIRANDA, que se realizou nas dependências do Clube Caixeiral de Passo Fundo, acompanhado por uma programação artística na Praça Marechal Floriano e as solenidades de posse da primeira patronagem sob o comando do jornalista Múcio de Castro.

PATRÕES DO CTG LALAU MIRANDA

"A principal função do Patrão é saber escolher e selecionar auxiliares que deem apoio e colaboração à sua administração. Elementos que não se empenhem em disputas pessoais que possam fazer trabalho de equipe onde o indivíduo se anule a bem do coletivo. Conseguindo isso, o trabalho maior do Patrão será coordenar e dirigir um Centro que, bem organizado, quase que por si mesmo se conduz" (Glaucus Saraiva).

O Centro de Tradições Lalau Miranda de Passo Fundo tem se destacado, desde a sua origem, pela excelência dos seus patrões. As disputas eleitorais sempre existiram, sinal de que sempre é uma honra, e não um encargo, dirigir os destinos do LALAU MIRANDA.

1. MUCIO DE CASTRO: Primeiro Patrão, eleito em 1952 e reeleito várias vezes. Teve a incumbência de estabelecer as bases do tradicionalismo acompanhando o processo histórico. Construiu o Galpão Crioulo, e soube se valer de nomes importantes para lhe auxiliar, como Gomercindo dos Reis, Ney Vaz da Silva, Tenebro dos Santos Moura, Ivo Paim e tantos outros já elencados neste livro. Destaca-se nas suas administrações, o apoio dado ao desenvolvimento da Invernada artística. Seus Posteiros tinham a obrigação de se empenhar, com esmero, no preparo das danças e na execução das músicas folclóricas. O prêmio dessa preocupação foi o convite recebido para se apresentar na cidade do Rio de Janeiro, em 1954, dois anos depois da fundação do LALAU MIRANDA. Na ocasião, a Invernada Artística do CTG LALAU MIRANDA se apresentou no auditório da Rádio Nacional, no Teatro João Caetano, na Sede do Fluminense Futebol Clube no Clube dos Oficiais da Aeronáutica. O seu grande Capataz e que veio auxiliar outras patronagens, foi Ramente De Cézar, um verdadeiro líder tradicionalista que ajudou a colocar o CTG LALAU MIRANDA na posição que hoje ocupa no cenário tradicionalista.



Figura 39 ANTÔNIO GASPARETTO e ESPOSA, atual Patrão do CTG Lalau Miranda.

2. ALFREDO ROSA PRATES; Administrou o CTG no período 1956/57 e teve como capataz o Dr. MARIO DANIEL HOPP. Destaca-se, nesse período, a organização da Hípica do CTG, localizada na Vila Vera Cruz, sob a liderança de Gonorvam Guedes. Foram realizados estudos para elaborar os estatutos do CTG, com base no documento do "35" de Porto Alegre.

3. Dr. MÁRIO DANIEL HOPP: Administrou o CTG LALAU MIRANDA no período 1957/58. Valorizou a Invernada Artística e ofereceu todas as condições para as prendas e peões se apresentarem, com garbo, em todos os eventos. Nessa época, o CTG recebia, mensalmente, convite para se apresentar fora de Passo Fundo e assessorava na criação de outros CTGs. Na sua patronagem, foi realizado um melhoramento no Galpão Crioulo.

4. NEY VAZ DA SILVA: Dirigiu o LALAU MIRANDA na gestão 1958/59 e teve como Capataz Ramente De Cézaro, depois de

auxiliar nas administrações anteriores. Na sua patronagem foi desenvolvida uma ampla programação cultural, incluindo a área campeira. Muitos CTGs que se iniciavam nas lides tradicionalistas se valeram do CTG LALAU MIRANDA. Nessa patronagem o LALAU MIRANDA foi ao Nordeste, na Capital Fortaleza, além de outras viagens para o interior do Rio Grande do Sul. Para o Nordeste foram 23 pessoas, sob a coordenação de Ivo Paim, na parte artística.

5. GÔRAN G. JOHANSON: Administrou no período 1959/60, tendo como Capataz Raimundo Bona. Nessa Patronagem houve uma preocupação de ampliar o quadro social, bem como elaborar o Regimento Interno do CTG. Foi criada a Invernada do Patrimônio, com o objetivo de zelar pelos bens da entidade.

6. FIDÊNCIO FRANCIOSI: Gestão 1965/66 e 1969/70. Na primeira gestão foi Capataz o Dr. Manoel Portela e na última, o tradicionalista Edgar Ribeiro Huff. Na área administrativa foi legalizada a área Hípica, foi recuperada as instalações do Galpão e adquiriu os bens existentes na Hípica. Comandou excursões memoráveis como para a cidade de Dourados no Estado de Mato Grosso, para onde foram 38 tradicionalistas, num avião Douglas, fretado pela Prefeitura Municipal de Dourados, para levar a delegação. Na gestão 69/70 o LALAU MIRANDA foi ao Estado do Paraná e Santa Catarina, a convite de inúmeras Prefeituras daqueles Estados.



Figura 40 Roda de Chimarrão no CTG Lalau Miranda. Os tradicionalistas contando casos de galpão.

7. MANOEL PORTELLA; O Dr. Manoel Portella, depois de assessorar o tradicionalista Fidêncio Franciosi, foi eleito Patrão para o período 1966/67. Esta Patronagem se caracterizou pela condução da qualidade das invernadas, piquetes, exigindo que elas estivessem sempre em condições de se apresentarem, bem, em qualquer tempo e lugar. Novamente o CTG LALAU MIRANDA vai a Mato Grosso, na cidade de Maracaju, para se apresentar ao povo daquela cidade.

8. NÉLSON PETRY: Gestão 1967/68. Na administração de Néelson Petry o LALAU MIRANDA foi ao Estado do Paraná, levando a beleza das nossas tradições. Mais tarde, foi ao Estado de Santa Catarina. Nesse período foi reestruturada a Invernada Cultural com a realização de muitos eventos, visando incentivar os jovens na prática do tradicionalismo. Foi realizada substancial reforma no Galpão e a festa de aniversário do CTG foi comemorado com uma programação que contou com a participação de vários CTGs incluindo o CTG Lenço Colorado de Porto Alegre. No Rodeio Internacional de Vacaria, a Invernada de Danças obteve o 1º lugar e Carlos Alberto Petry, peão do CTG LALAU MIRANDA e integrante da Invernada de Danças, obteve o 1º lugar no passo da Chula.

Nos fandangos, o baile era iniciado com a apresentação da dança da quadrilha.



Figura 41 Patronagem de Nelson F. de Quadros 1986/88. Esta patronagem fez grandes realizações, como vem acontecendo no CTG Lalau Miranda, há muitos anos.



Figura 42 O CTG Lalau Miranda tem se constituído numa verdadeira escola de tradicionalismo. Na foto o tradicionalista Odalgir Camargo, abrindo mais um curso de danças no CTG. Patronagem Antônio Serena.



Figura 43 O CTG Lalau Miranda tem se constituído numa verdadeira escola de tradicionalismo. Na foto o tradicionalista Odalgir Camargo, abrindo mais um curso de danças no CTG. Patronagem Antônio Serena.

9. SETEMBRINO R. DE OLIVEIRA: Gestão 1968/69. Seu Capataz foi Edgar Ribeiro Huff. O destaque para esta patronagem foi a participação do CTG LALAU MIRANDA na organização da II EFRICA, divulgando o nome de Passo Fundo na imprensa, rádio e televisão da Capital, Porto Alegre. Atendeu ao convite da Prefeitura de Vitória, capital do Espírito Santo, para várias apresentações naquele Estado. Chefiou a delegação o Dr. Manoel Portella e Remente De Cézaro a Invernada Artística. Acompanhou os acordeonistas Argemiro de Oliveira, Antônio Martins, Ivinho Stefani, Nelson R.Goelzer, Miguel G. de Lima e muitos peões e prendas.

10. FLÁVIO PATRÍCIO VARGAS: Gestão 1970/71, tendo como Capataz o Sr. Adelarmo Marcondes. Foi nesta patronagem que, pela primeira vez, foi abordada a necessidade de construir um novo galpão. Foi na patronagem deste tradicionalista que surge a pessoa de Conrado Wolff que assume o comando da Invernada de Danças, a convite do Patrão. Mais tarde, seu Posteiro das Danças viria a ser Patrão do LALAU MIRANDA por duas vezes consecutivas. Esta patronagem se caracterizou

por trazer, para Passo Fundo, pessoas estudiosas em assuntos relacionados com o Rio Grande do Sul a fim de aprimorar os conhecimentos dos associados do CTG.

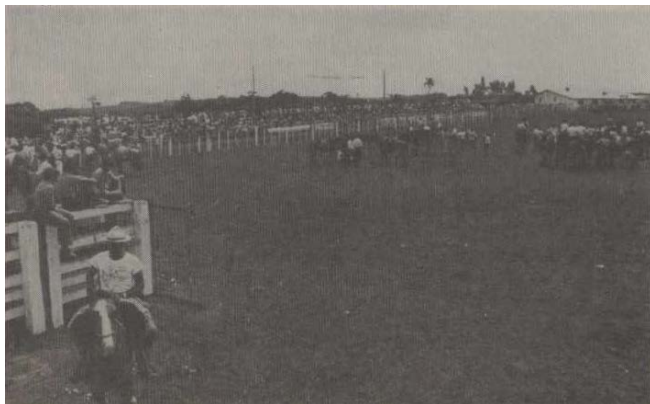


Figura 44 O Rodeio Internacional de Passo Fundo realiza-se de 2 em 2 anos, reúne gaúchos da América Meridional

11. **MIGUEL LOPES DOS SANTOS:** Gestão 1971/72 reeleito para a gestão 72/73. Capataz: João Nunes. Nesta patronagem foi constituída uma comissão para estudar as possibilidades de construir um novo galpão para o CTG. A Invernada de Danças obteve apoio, com a aquisição de indumentárias e foi ventilada a possibilidade de criar um grupo teatral com a finalidade de apresentar peças do folclore gaúcho. Houve preocupação, com relação às danças gaúchas que já vinham com apresentações estilizadas, contrariando a coreografia adotada. Nesta patronagem, o LALAU MIRANDA se fez presente no Rodeio de Cruz Alta e nos festejos comemorativos aos 150 anos de emancipação política do município de Palmeira das Missões, tendo excursionado ao Paraná e Mato Grosso, levando o folclore gaúcho.

12. **JOÃO ANTÔNIO NUNES:** Gestão 1973/74, tendo como Capataz o tradicionalista Osvaldo Rodrigues. A patronagem inicia os trabalhos fazendo campanha em favor da construção do novo galpão. Foi

feita a campanha do "novilho" e foi autorizado fazer a planta arquitetônica. Nesta Patronagem foi realizada uma programação muito bem feita na Semana Farroupilha e organizado, em comemoração ao 22º aniversário do CTG LALAU MIRANDA, um Rodeio Crioulo na localidade de Lagoa Bonita. Houve uma excursão ao Estado de Santa Catarina, cuja caravana contava com 42 pessoas. Mais uma vez o LALAU MIRANDA representou Passo Fundo fora do Rio Grande. O tradicionalista João Antônio Nunes foi reeleito para o período 1974/75, tendo como Capataz, Fidêncio Franciosi.



Figura 45 O Rodeio Internacional de Passo Fundo realiza-se de 2 em 2 anos, reúne gaúchos da América Meridional.



Figura 46 Na foto, à esquerda o Ex-Patrão Eluyr J. Reschke e à direita, no microfone, o Ex-Patrão Nelson Petry, ambos patrões históricos do CTG LALAU MIRANDA que, embora despojados de cargos nas patronagens, continuam colaborando com o seu CTG e com o Tradicional

13. ANTÔNIO DUTRA MARTINS: Gestão 1974/75, tendo como Capataz o tradicionalista Fidêncio Franciosi. Nesta patronagem o CTG LALAU MIRANDA se fez presente, novamente, no Rodeio de Vacaria, conquistando o 1º lugar em "Canções Gauchescas", o 2º lugar no concurso de Trovas e o 4º lugar em Gaita Ponto e Gaita Piano com Argemiro Laimer e Miguel Pereira. Foi realizado um rodeio sob a coordenação do Quadro de Laçadores "RINCÃOCAMPEIRO". Nesse período o CTG excursiona para diversas cidades do interior do Estado e preparou uma excursão ao Estado de São Paulo, na cidade de São Bernardo dos Campos.

14. CONRADO WOLFF: Gestão 1975/76. Capataz: Néelson Petry. Um dos pontos altos desta administração foi a organização do XXII CONGRESSOTRADICIONALISTA GAÚCHO, onde reuniu, em Passo Fundo, as mais altas autoridades do Estado, a começar com a presença do Sr. Governador. Passo Fundo se fez representar, através do CTG LALAU MIRANDA, no Estado da Bahia no "Acampamento Gaúcho", organizado pelo Governo Estadual e MTG. Nesta patronagem teve início a preparação do terreno do CTG para edificar o futuro Galpão, e o LALAU MIRANDA se fez presente nas cidades de Volta Redonda, (Rio de Janeiro), Lagoa Vermelha, André da Rocha, Gravataí e foi a Criciúma, Estado de Santa Catarina. Na Patronagem do CONRADO WOLF foi tomada uma deliberação muito importante para o tradicionalismo: "Só entra no fandango, quem estiver, devidamente, trajado à gaúcho". Destaque para a internada de dança, comandada pelo Patrão e sua esposa, retomando, novamente os grandes feitos do LALAU MIRANDA na área artística. Outra atividade muito importante foi a realização do FESTIVAL FOLCLÓRICO, realizado pelo CTG LALAU MIRANDA em conjunto com a 7ª DE, Clubes de Diretores Lojistas, Secretaria Municipal de Educação, integrando todas as escolas do município de Passo Fundo. Quinze mil pessoas participaram do evento, registra a imprensa, na época. Conrado Wolff foi reeleito para o período 1977/78, tendo como capataz, novamente o tradicionalista Nelson Petry. Outro destaque nesta patronagem foi a elaboração do novo Estatuto do CTG, trabalho coordenado pelo Dr. Honorino Gasparetto e aprovado em Assembleia Geral.



Figura 47 A Invernada dos Músicos do CTG Lalau Miranda, sob o comando do Posteiro Nelson Petry.

15. ELUYR JOSÉ RESCHKE: Gestão 1978/80. Capataz: Valter R. de Quadros. Nesta gestão foi definitivamente tomada a decisão de iniciar as obras do atual galpão crioulo. Aprovada a elaboração da maquete, foi marcada a data para o lançamento dos títulos patrimoniais: 17 de dezembro de 1978. A obra foi executada pelo Eng. Aido Nascimento. Se não bastasse, a decisão de construir o novo galpão, tão sonhado pelas patronagens anteriores, as artes musicais, de danças e campeiras, não foram abandonadas: a Invernada Campeira se destacou, levantando vários prêmios e no Festival Folclórico MO-BRAL - MTG, os primeiros lugares couberam ao CTG LALAU MIRANDA. ELUYR J. RESCHKE foi eleito novamente para o período 1982/84, oportunidade em que deu novo impulso na conclusão do Galpão. Nesta gestão, foi dado ênfase ao desenvolvimento da cultura, através de concursos literários sobre o Rio Grande do Sul bem como destaque nas excursões que realizou dentro e fora do País. Um dos destaques desta patronagem foi a organização estabelecida nos livros do CTG como: Secretaria, Tesouraria, entre outros. OCTG LALAU MIRANDA se modernizou, em termos

estruturais. No Rodeio de Palmeira das Missões o CTG L. MIRANDA conquistou 21 troféus.



Figura 48 A Invernada dos Músicos do CTG Lalau Miranda, sob o comando do Posteiro Nelson Petry.

16. ANTÔNIO GASPARETTO: Gestão 1980/82. Capataz: Ondino Xavier de Oliveira. O Patrão Antônio Gasparetto, com sua patronagem, se entregou de corpo e alma na construção do novo galpão. Chegou até a cobertura, adquirindo 1.200 metros quadrados de alumínio e a estrutura de ferro. Embora preocupado com a construção do Galpão, Antônio Gasparetto não abandonou suas invernadas. Deu todo o apoio e conquistou troféus para o seu CTG. Foi Vice-campeão do Rodeio de Vacaria e Campeão Estadual do Festival Folclórico do MOBRAL - MTG e, como declamador de poesia crioula, conquistou o primeiro lugar, sendo campeão estadual. Nessa patronagem o CTG LALAU MIRANDA realizou inúmeras excursões, destacando, entre elas a viagem à Montevidéu, capital do vizinho país, Uruguai a convite dos irmãos da Pampa.



Figura 49 Patrões: Nelson Petry e Conrado Wolff c/suas Patroas. A direita o Ex-Patrão Fidêncio Franciosi e Cláudio Goelzer.

17. **ADÃO FERREIRA DO NASCIMENTO:** Gestão 1984/86, tendo como Capataz o tradicionalista Antônio Gasparetto. Adão Nascimento vem acompanhando a construção do Galpão desde o início, uma vez que foi, também, presidente da comissão de construção. Na sua patronagem pode completar a obra, realizando a pista de dança e banheiros e salas para o museu e para a biblioteca do CTG. Em consonância com a Patronagem de Eluyr Reschke adquiriu a área para rodeio na Roselândia e deu início ao I Rodeio. Na sua patronagem o CTG participou de dois Rodeios de Vacaria. Na área cultural, organizou o Museu Tradicionalista e adquiriu aproximadamente 400 volumes de livros para a Biblioteca, especializada em assuntos rio-grandenses. Foi o criador do 1º Fandango da Prenda Jovem. Adão F. do Nascimento foi escolhido, novamente, para dirigir o CTG no período 1990/92. Nesse período fez importantes melhoramentos na área do rodeio, na cancha de bochas e adquiriu 720 novas cadeiras. Na sua patronagem valorizou a área cultural e adquiriu todos os bens existentes na copa, passando o patrimônio para o domínio do CTG. Antes de completar sua gestão, se licenciou assumindo o capataz Antônio Gasparetto, como patrão do CTG LALAU MIRANDA, pela segunda vez.

18. NELSON FIGUEIRÓ DE QUADROS: Gestão 1986/88. Capataz: Aires Rampazzo. Na patronagem do tradicionalista Nelson de Quadros foi concluída a parte frontal do Galpão, as escadarias que dão acesso às galerias, com os blocos de banheiros para as prendas e peões. Os limites do terreno do CTG foram cercados e murados. No Parque de Rodeios, completou a infraestrutura, dotando-o de água e luz elétrica. Na sua patronagem foram realizados o segundo e o terceiro rodeios, com grande êxito. Na área da cultura, reestruturou a Invernada de dança e implantou um fandango por mês realizando bonitas festas, como a que homenageou os ex-patrões do CTG LALAU MIRANDA. Houve uma preocupação com o quadro social, em quantidade e qualidade. A Invernada Campeira, sempre atuante, conquistou muitos troféus para o LALAU MIRANDA.



Figura 50 O Patrão Miguel Lopes dos Santos com sua Invernada Artística, no fundo, o velho e histórico Galpão, construído no início da década de 50.



Figura 51 Daniela Dal’Forno e Carla Liane de Mello - prendas do CTG Lalau Miranda 1991/1992.



Figura 52 Inauguração do Museu Tradicionalista do CTG Lalau Miranda.

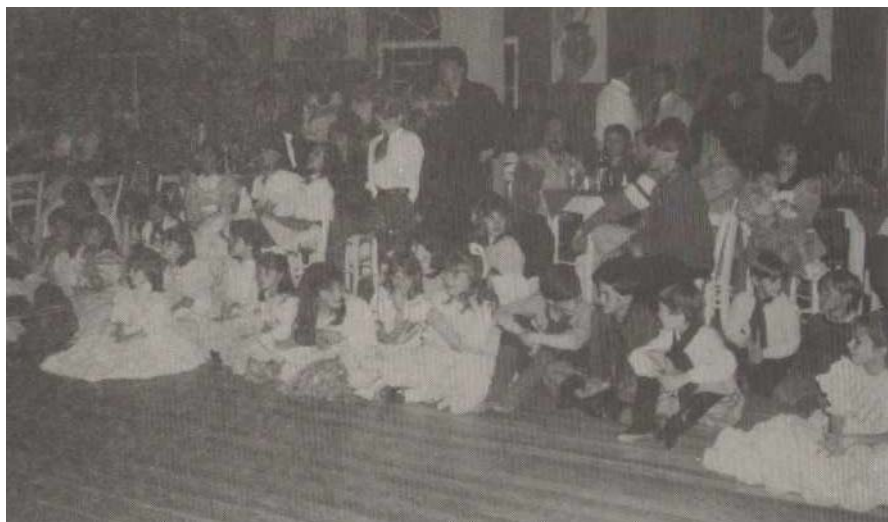


Figura 53 Fandango do piá e da menina tradicionalista, realizado todos os anos pelo CTG Lalau Miranda.

19. ANTONIO SERENA: Gestão 1988/90. Foi Capataz o tradicionalista Luiz Brambila. Com o Galpão Crioulo praticamente concluído, esta patronagem atendeu os aspectos externos, calçando, com pedras regulares, 8 mil metros com capacidade para estacionar 400 automóveis, calçou a rua Manoel Portela, projetou iluminação na área de estacionamento, e arborizou toda a área externa. No interior do CTG, esta patronagem se preocupou com o visual de entrada e organizou a sala dos ex-patrões, mobiliando-a. Na área cultural, organizou a Escola de Tradicionalismo, durante a Semana Farroupilha e o Acampamento Cultural Tradicionalista no Parque da Área Campeira. A convite, o CTG LALAU MIRANDA participou no Congresso Internacional de Tradição e Folclore, em Buenos Aires, na Argentina, e foi à Uberlândia, Estado de Minas Gerais representando o Rio Grande do Sul na FESTA DOS ESTADOS. Mais um vez o CTG LALAU MIRANDA representou Passo Fundo e os gaúchos, fora da sua terra. Outro aspecto a considerar nesta patronagem foi o investimento no jovem, incentivando e dando todas as condições para que eles tivessem participação ativa no CTG, patrocinando uma viagem

cultural às Ruínas dos Sete Povos das Missões. Na patronagem do tradicionalista Antônio Serena e sua esposa Wilmarina Serena o CTG LALAU MIRANDA participou de todos os eventos tradicionalistas realizados no Rio Grande do Sul, organizados pelo MTG, como Congresso, Convenção e Encontros de Patrões.

Este é o Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda de Passo Fundo.

A nossa homenagem a todos os que ajudaram a construir o tradicionalismo e que lutam para preservar as tradições do Rio Grande do Sul.

Atual Patronagem do CTG Lalau Miranda

Patrão: Antônio Luiz Gasparetto

Capataz: Romeu Machado

1° Sota Capataz: Clotário Menna Barreto

2° Sota Capataz: Noli Ferreira

Agregados das Chelpas: Roberto Dal Forno e Ariovaldo Albuquerque

Patrão Conselheiro: Antonio Serena

CONSELHO DE VAQUEANOS:

Presidente: Rosalino Walmor Maia

Gilmar do Nascimento, Aido Nascimento, Constante Kochinski, Alcides Cogo de Camargo, José Pedro Fachi e Luiz Antônio Covatti.



Figura 54 Fandango do piá e da menina tradicionalista, realizado todos os anos pelo CTG Lalau Miranda.

FONTES CONSULTADAS

1. OBRAS

ARCHIMEDES, Fortini. "O 75º Aniversário da Colonização Italiana no Rio Grande do Sul. Sulina RS, 1952.

BARCELOS, Rubens de. "Estudos Rio-Grandenses. V. 7, Ed. Regional Ltda., 1956.

LUGON, Clôvis. A República "Comunista" Cristã dos Guaranis. Paz e Terra, 3ª Edição, 1977.

FAGUNDES, Glênio. Cevando Mate. Habitasul, 2ª Ed.

FAGUNDES, Antônio Augusto. Indumentária Gaúcha. 1977, IGTF.

FLORES, Moacyr. Revolução Farroupilha. Ed. Martins Livreiro, 1984.

FERR, Al. Ocasos Sangrentos. Ed. Pallotti, 2ª Ed. 1980.

GUIMARAES, Antônio Prestes. A Revolução Federalista em Cima da Serra. Martins Livreiro.

GOYCOCHÊA, Castilhos. Síntese Histórica da Formação do RGS. 1935.

LAYTANO, Dante, de. História da República Rio-Grandense. Sulina.

LESSA, Barbosa. Rio Grande do Sul, Prazer em Conhecê-lo. Ed. Globo.

LESSA, Barbosa. Nativismo, Um Fenômeno Social. Ed. LPM.

ORNELLAS, Manoelito de. Gaúchos e Beduínos. Ed. José Olímpio, 1956.

REVERBEL, Carlos. Maragatos e Pica-Paus. LPM, 1985.

PORTO, Aurélio. História das Missões Jesuíticas.

SOARES, Mozart Pereira. Santo Antônio da Palmeira. Bels, 1974.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem ao Rio Grande do Sul.

GOULART, Jorge Salis. A Formação do Rio Grande do Sul. Martins Livreiro, 1978.

PONT, Raul. Campos Realingos. Formação da Fronteira Sudoeste do Rio Grande do Sul. 2ª Ed., Martins Livreiro.

ENCICLOPÉDIA RIO-GRANDENSE. Ed. Regional, Canoas, V. 1.

VELLINHO, Moysés. Capitania d'El-Rei. Ed. Globo. SPALDING, Walter. A Revolução Farrroupilha. Coleção Temas Brasileiros, Vol. 38, Comp. Editora Nacional, 1982.

2. PERIÓDICOS

Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RGS, 1935.

Fronteiras do Brasil. Biblioteca Militar. Vol. LXIII, Rio, 1943.

Almanaque do Globo. Liv. do Globo, 1928.

Província de São Pedro. Livraria do Globo, 1946.

3. DIVERSOS

Tropeirismo e Identidade Cultural da Região de Sorocaba. Cadernos. Academia Sorocabense de Letras S. Paulo.

Calendário Histórico-Cultural do RS - Secretaria de Cultura RS.

O Sentido e o Valor do Tradicionalismo. Barbosa Lessa. 1954.



Figura 55 O velho Galpão do CTG Lalau Miranda, sendo demolido. Welci Nascimento - 1980

Índice de ilustrações

Figura 1	17
Figura 2	21
Figura 3 Cessadas as lutas, a valentia do gaúcho virou tradição.....	27
Figura 4 O Comando Maragato no Rio Grande do Sul na Revolução de 1923. Na foto, entre outros: Assis Brasil, no centro e os comandantes: Zeca Netto, Leonel Rocha, Felipe Portinho.	29
Figura 5 O Gaúcho é originário do Pampa, vasta planície dos países do Prata e do Rio Grande do Sul.....	32
Figura 6 A indumentária do gaúcho do Planalto Médio na década de 60 (prendas e peões do CTG Lalau Miranda)	47
Figura 7 A simplicidade e a beleza da prenda jovem, com seu pai, num fandango do CTG Lalau Miranda em Passo Fundo. Cláudio Goelzer apresentando a filha à sociedade tradicionalista.....	48
Figura 8 Posse da Patronagem do CTG Lalau Miranda 1960/1961. No microfone, jornalista Múcio de Castro. Sentados, Manoel Portela, Raimundo Bona, Ramente De Cézar, entre outros tradicionalistas. No fundo, os velhos acordeonistas, Rancho Velho e Cruzeiro.	52
Figura 9	54
Figura 10 A Patronagem, Prendas e Peões do CTG Lalau Miranda recebem a Miss Brasil VERA MARIA BRAUNER -1961.	54
Figura 11 Caravana do CTG Lalau Miranda, atravessando o estado para levar a cultura do Rio Grande do Sul.	55
Figura 12 O CTG Lalau Miranda sempre foi destaque nos desfiles do dia 20 de Setembro. A graça e a beleza das prendas e peões do CTG Lalau Miranda.	60
Figura 13 Programa de Rádio no antigo galpão. Apresentador Sr. NELSON PETRY e o Sr. Francisco de Quadros, um dos grandes colaboradores do CTG Lalau Miranda.	61
Figura 14 A Invernada de Dança dançando a quadrilha em dia de fandango na década de 50.....	62

Figura 15 Uma das memoráveis festas de posse da Patronagem do CTG Lalau Miranda – no centro, de pé Múcio de Castro, 1º Patrão.	64
Figura 16 Inauguração da Hípica do CTG Lalau Miranda - Vila Vera Cruz, nesta cidade - 27/01/1963.	65
Figura 17 Apresentação do CTG Lalau Miranda no Programa “Papel Carbono”, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, em 26/07/1954. (Orlando e Alfredino - gaita e violão).	68
Figura 18	68
Figura 19 A esquerda Darcy Fagundes apresentador do Programa Tradicionalista “Grande Rodeio Coringa” - na Rádio Farrroupilha, em Porto Alegre.....	69
Figura 20 As Invernadas de Dança e de Músicos do CTG Lalau Miranda se apresentando na Televisão Piratini, em Porto Alegre, em 1967. A Invernada dos Músicos era composta por Ivinho Stefani, Luiz Feldman, Rancho Velho, Menna Barreto, o popular Cruzeiro e Rômulo Goelzer.....	70
Figura 21	71
Figura 22	72
Figura 23	73
Figura 24	74
Figura 25 No microfone o poeta Tenebro dos Santos Moura, um dos fundadores do CTG LALAU MIRANDA, declamando no Programa Tradicionalista da Rádio Passo Fundo.	75
Figura 26 Conrado Wolfe esposa, casal coordenador do Grupo de Danças e Patrão do CTG LALAU Miranda no ano de 1975.....	76
Figura 27	77
Figura 28 Peões e prendas do CTG “LALAU MIRANDA”, dançando o “CARANGUEJO” por ocasião do Grande Rodeio na cidade de Curitiba-PR em 4 de setembro de 1955.....	78
Figura 29	80
Figura 30 O Patrão do CTG LALAU MIRANDA, João Nunes, ladeado por Guilherme Schlutz Filho e Glaucus Saraiva, na VI Convenção da Coord. em Cruz Alta.....	81

Figura 31 Excursão do Lalau Miranda - DOURADOS 1965. Desfile pelas ruas de Dourado - Mato Grosso. Na foto: Argemiro de Oliveira, Antonio Martins, Ramente de Cézaro, Odalgiro Camargo, Fidêncio Franciosi (Patrão), Ivo Paim, Maximino Vieira, Plínio M.Barreto, Paulo Bona, João Castanho e Manoel Portela.	82
Figura 32	84
Figura 33 O Lalau Miranda no Rodeio de Vacaria em 1980. Da esquerda para a direita: Em pé: Arlindo Almeida, João Santos, Gilmar Nascimento, Eluyr Reschke (patrão), Carlos Petry, Romeu Machado (Posteiro)), Walter Quadros, Antônio Vianna, Nelson Petry, Elton Mafessoni, Antônio Gaspareto. Sentados: Soniamar Reschke, Mônica Gasparetto, Luciene Sartori, Iramar Reschke, Regina Gasparetto e Ademir Silva.....	85
Figura 34 O êxito do Rodeio deve-se à integração do CTG com a Comunidade e as Instituições.....	85
Figura 35 Fundos do velho Galpão do CTG Lalau Miranda. Neste lugar, à margem direita do rio Passo Fundo, foi erguido o majestoso Galpão, que honra as tradições do Rio Grande do Sul (foto tirada em 1976).....	87
Figura 36 O atual Galpão Crioulo do CTG Lalau Miranda com seus cavalarianos, prontos para mais um desfile de 20 de Setembro.	88
Figura 37	89
Figura 38 Amadeu Goelzer, sócio honorário do CTG, recebendo do patrão Antônio Serena o reconhecimento pelos serviços prestados ao tradicionalismo.....	90
Figura 39 ANTÔNIO GASPARETTO e ESPOSA, atual Patrão do CTG Lalau Miranda.	92
Figura 40 Roda de Chimarrão no CTG Lalau Miranda. Os tradicionalistas contando casos de galpão.	94
Figura 41 Patronagem de Nelson F. de Quadros 1986/88. Esta patronagem fez grandes realizações, como vem acontecendo no CTG Lalau Miranda, há muitos anos.	95
Figura 42 O CTG Lalau Miranda tem se constituído numa verdadeira escola de tradicionalismo. Na foto o tradicionalista Odalgir Camargo, abrindo mais um curso de danças no CTG. Patronagem Antônio Serena.	95

Figura 43 O CTG Lalau Miranda tem se constituído numa verdadeira escola de tradicionalismo. Na foto o tradicionalista Odalgir Camargo, abrindo mais um curso de danças no CTG. Patronagem Antônio Serena.	96
Figura 44 O Rodeio Internacional de Passo Fundo realiza-se de 2 em 2 anos, reúne gaúchos da América Meridional.....	97
Figura 45 O Rodeio Internacional de Passo Fundo realiza-se de 2 em 2 anos, reúne gaúchos da América Meridional.....	98
Figura 46 Na foto, à esquerda o Ex-Patrão Eluyr J. Reschke e à direita, no microfone, o Ex-Patrão Nelson Petry, ambos patrões históricos do CTG LALAU MIRANDA que, embora despojados de cargos nas patronagens, continuam colaborando com o seu CTG e com o Tradicional.....	98
Figura 47 A Invernada dos Músicos do CTG Lalau Miranda, sob o comando do Posteiro Nelson Petry.....	100
Figura 48 A Invernada dos Músicos do CTG Lalau Miranda, sob o comando do Posteiro Nelson Petry.....	101
Figura 49 Patrões: Nelson Petry e Conrado Wolff c/suas Patroas. A direita o Ex-Patrão Fidêncio Franciosi e Cláudio Goelzer.	102
Figura 50 O Patrão Miguel Lopes dos Santos com sua Invernada Artística, no fundo, o velho e histórico Galpão, construído no início da década de 50.	103
Figura 51 Daniela Dal’Forno e Carla Liane de Mello - prendas do CTG Lalau Miranda 1991/1992.....	104
Figura 52 Inauguração do Museu Tradicionalista do CTG Lalau Miranda.	104
Figura 53 Fandango do piá e da menina tradicionalista, realizado todos os anos pelo CTG Lalau Miranda.	105
Figura 54 Fandango do piá e da menina tradicionalista, realizado todos os anos pelo CTG Lalau Miranda.....	107
Figura 55 O velho Galpão do CTG Lalau Miranda, sendo demolido. Welci Nascimento - 1980.....	110



[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Passo Fundo

